

ANDRÉ LUIS DOS SANTOS CAXEIRO

DINÂMICA INDUSTRIAL PARANAENSE DE 2000 À 2010

Monografia apresentada para obtenção parcial do grau de Bacharel em Ciências Econômicas do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: **Prof. Dr. Mariano de Matos Macedo**

CURITIBA

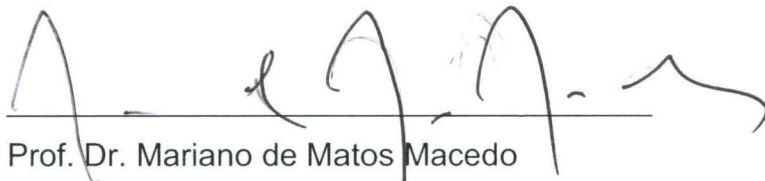
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉ LUIS DOS SANTOS CAXEIRO

DINÂMICA INDUSTRIAL PARANAENSE DE 2000 À 2010

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas no curso de graduação em Ciências Econômicas, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Mariano de Matos Macedo

Orientador – Departamento de Ciências Econômicas, UFPR.



Prof. Mestre Adilson Antonio Volpi

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. Alexandre Alves Porsse

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 21 de março de 2013

Aos meus pais e familiares pelo apoio, incentivo e por sempre acreditarem na minha capacidade. À Therezinha Dolores dos Santos Caxeiro (*in memoriam*).

RESUMO

O objetivo da monografia é analisar as tendências recentes do processo de desenvolvimento das atividades industriais, bem como compreender sua atual localização no território, entre os anos de 2000 e 2010 no estado do Paraná, dentro do contexto brasileiro. Mais precisamente, o trabalho procura mostrar que embora haja uma tendência recente de desconcentração das atividades produtivas tanto no Brasil como no Paraná, tal ocorre mais para setores de bens básicos, que para atividades tecnológicas, as quais ainda se concentram nos antigos polos. Resultado disso é que no Estado, a despeito da consolidação de importantes polos regionais, a reprimarização e os “vazios econômicos” necessitam de especial atenção.

Palavras-chave: Paraná, reprimarização, “vazios econômicos”, “ilhas de produtividade”, “concentração poligonal”

ABSTRACT

The main concern of this essay is to analyze recent trends in the development process of industrial activities, as well as understand its current location in the territory, between the years 2000 and 2010 in the state of Paraná, in the Brazilian context. More specifically, the article shows that although there is a recent trend of decentralization of production activities in Brazil and Paraná, this occurs more for basic goods sectors, which for technological activities, which still concentrated in the old poles. Result is that in the state, despite the consolidation of major regional centers, the reprimarization and "economic emptiness" need special attention.

Keyword: Paraná, reprimarization, "economic emptiness", "islands of productivity", "polygonal concentration"

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ –	
	2000.....	41
FIGURA 2 -	DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ –	
	2005.....	42
FIGURA 3 -	DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ –	
	2005.....	42
GRÁFICO 1 -	Produção Física por Seção Industrial no Brasil (Número Índice) –	
	2000 a 2010.....	25
GRÁFICO 2 -	Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da Indústria	
	por Categorias de Uso no Brasil (%) – 2000 a	
	2010.....	26

LISTA DE QUADROS E TABELAS

TABELA 1 -	BRASIL – Distribuição e Produção Industrial Segundo Grandes Regiões e Principais Estados, 1970-1990.....	15
TABELA 2 -	Número de Empresas com Intenção de Investimento Segundo Localização da Atividade Produtiva Indústria Extrativa e Transformação.....	22
TABELA 3 -	Participação das Atividades Econômicas no Valor Adicionado Bruto a preços básicos, Por Unidade da Federação 2002-2010...	27
TABELA 4 -	Exportação Brasileira por Fator Agregado - 2000-2010.....	27
TABELA 5 -	Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – TOTAL.....	29
TABELA 6 -	Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – INDÚSTRIA EXTRATIVA.....	30
TABELA 7 -	Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO..	31
TABELA 8 -	Evolução da Participação Relativa de Grandes Regiões no Valor da Transformação Industrial no Brasil – 2001-2010 - Em %.....	32
TABELA 9 -	Participação Relativa no Valor da Transformação Industrial do Paraná no Brasil 2000-2010 (em R\$ 1000).....	33

TABELA 10 - Participação Relativa no Valor da Transformação Industrial do Paraná no Brasil, por atividade, a preços básicos 2002-2010 (em R\$ 1000).....	35
TABELA 11 - Participação Relativa, por atividade da Indústria de Transformação, no VTI do Paraná – 2002-2010.....	36
TABELA 12 - Participação Relativa, por atividade da Indústria Extrativa, no VTI do Paraná no Brasil – 2002-2010.....	37
TABELA 13 - Participação Relativa, por atividade da Indústria Extrativa, no VTI do Paraná – 2002-2010.....	38
TABELA 14 - Valor Adicionado por Região do Paraná em 2010 – A Preços Básicos (em R\$ 1000).....	41
TABELA 15 - Evolução do Emprego Formal nos Sub-Setores da Indústria, Paraná, de 1998 até 2008.....	44
TABELA 16 - Efeito Realocação por Sub-Setores nas Mesorregiões do Estado do Paraná – 1998-2008.....	46
TABELA 17 - Intenções de Investimento Industrial no Estado do Paraná – 2010 – Por Atividade – (Em U\$).....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. “ILHAS DE PRODUTIVIDADE” EM UMA “CONCENTRAÇÃO POLIGONAL”	12
2.1 A CONCENTRAÇÃO DENTRO DO POLÍGONO.....	13
2.2 A DESCONCENTRAÇÃO EM “ILHAS DE PRODUTIVIDADE”	17
3 O PARANÁ NO CONTEXTO “POLÍGONAL” BRASILEIRO.....	23
3.1 A RECENTE LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS NO BRASIL.....	24
3.2 A INDÚSTRIA PARANAENSE NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO.....	33
4 AS “ILHAS DE PRODUTIVIDADE” E A INDÚSTRIA PARANAENSE.....	39
4.1 O PARANÁ E A PRODUÇÃO INDUSTRIAL.....	39
4.2 O PARANÁ E O EMPREGO INDUSTRIAL.....	43
4.3 O PARANÁ E A PERSPECTIVA DO INVESTIMENTO INDUSTRIAL.....	47
5 CONCLUSÃO.....	51
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

A concentração produtiva em poucas regiões do Brasil foi um tema amplamente discutido, desde a adoção da política cepalina de substituição de importações, nos anos 1930, até os dias de hoje. Aliado a isso, a aparente estagnação da indústria nacional nas décadas recentes, retoma a discussão da necessidade de uma mais ativa política desenvolvimentista. Nesse contexto, se torna importante compreender o atual *status quo* não apenas no âmbito macro, mas especialmente no plano sub-regional.

Após os anos de concentração produtiva, o país passou por uma relativa desconcentração em favor de cidades com maiores vantagens econômicas. Processo este ocorrido entre o início dos anos 1970 até boa parte da década de 1980, que resultou em uma integração produtiva em metrópoles de segundo nível e em cidades médias, principalmente no segmento industrial.

Entretanto, a partir do final dos anos 1980 e início dos 1990, observa-se um arrefecimento da tendência de desconcentração no Brasil, efeito do agravamento da crise fiscal e financeira do Estado brasileiro, segundo GUIMARÃES (1997), ficando em boa parte estagnada na mesma macro região anteriormente citada, porém, com pontos esparsos de maior dinamismo. Sendo assim, não se pode conceituar essa fase nem como de desconcentração, nem como seu inverso.

Neste contexto de redistribuição espacial das atividades industriais, o estado do Paraná se coloca como um dos principais destinos de novas plantas industriais. Isto ocorre, especialmente, por sua vantagem locacional (o estado é vizinho de São Paulo, principal centro industrial e financeiro do Brasil), infraestrutura moderna e economias de aglomeração especialmente em Curitiba e Região Metropolitana.

Logo, a economia paranaense no decorrer dos anos 1990 caracterizou-se por uma maior integração produtiva com núcleos dinâmicos, não apenas no país, mas também externamente. Substituindo, assim, a ideia de complementariedade aos

principais polos nacionais. Neste contexto, a indústria tem hoje um papel relevante no estado, respondendo, em 2010, por 24,65%¹ do valor adicionado.

Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo analisar as tendências recentes do processo de desenvolvimento das atividades industriais, bem como compreender sua atual localização no território, entre os anos de 2000 e 2010 no estado do Paraná, dentro do contexto brasileiro. Para tanto, serão discutidos os conceitos de “concentração poligonal” descrito por DINIZ (1995) e o de “ilhas de produtividade” de PACHECO (1996), para apoiar a conclusão.

2 “ILHAS DE PRODUTIVIDADE” EM UMA “CONCENTRAÇÃO POLIGONAL”

Esta seção apresenta o referencial teórico a partir do qual será analisada as atuais tendências da atividade industrial paranaense. Para tanto, serão utilizadas as teses de “concentração poligonal” presente no trabalho de DINIZ (1995) e de “ilhas de produtividade” presente no trabalho de PACHECO (1996). Ambas caracterizam a fase atual como um “desenvolvimento regional difuso”, onde não há “nem concentração nem desconcentração” (GUIMARÃES, 1997).

O conceito de “concentração poligonal” é derivado da tese “A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas” de Clélio Campolina Diniz. É amplamente utilizado para se explicar a conjuntura da localização das atividades econômicas a partir da década de 1990 no Brasil, e será utilizada para caracterizar e contextualizar o atual *status quo* da indústria paranaense dentro do contexto nacional. Este conceito descreve a reconcentração das atividades econômicas brasileiras em uma macro região que engloba capitais ou cidades de porte médio, na faixa que vai da região

¹ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES Anuário Estatístico 2010 Curitiba IPARDES, 2010

central de Minas Gerais ao nordeste do Rio Grande do Sul, incluído o interior de São Paulo.

Em continuação ao objetivo proposto pelo trabalho, ou seja, o de analisar, dentro da esfera local, as tendências recentes da indústria brasileira. Se torna necessário a utilização de um conceito mais estrito, a saber, o de “ilhas de produtividade”. Este conceito foi formado a partir da tese “A Questão Regional Brasileira Pós 1980: Desconcentração Econômica e Fragmentação da Economia Nacional” de Carlos Américo Pacheco e descreve a ocorrência de fragmentação em núcleos dinâmicos de atividades econômicas, dentro do território nacional. Desta forma será utilizado para caracterizar o atual desenvolvimento industrial *in loco*, ou seja, no âmbito estadual.

Segundo GALVÃO; VASCONCELOS (1999), ambos conceitos não são conflitantes, embora tenham diferenças relevantes, analisam a dinâmica espacial da economia brasileira com uma “visão mais próxima da escala microrregional ou local” e rompem com as visões mais tradicionais que focalizam a escala macrorregional do desenvolvimento brasileiro.

2.1 A CONCENTRAÇÃO DENTRO DO POLÍGONO

Embora as décadas de 1970 à 1990 tenham demonstrado uma desconcentração da atividade econômica em favor das antigas periferias. Ela ficou restringida a apenas uma parte do Brasil, que já dispunha de vantagens locacionais. As causas disso foram, a abertura do mercado nacional, o novo paradigma tecnológico e a crise fiscal, que reduziu a atuação estatal na política industrial.

A desconcentração da produção industrial ocorrida a partir da década de 1970, teve como efeito um espraiamento da atividade industrial para outras regiões além do polo São Paulo, resultado de vários fatores como:

“a) deseconomias de aglomeração na área metropolitana de São Paulo e criação e economias de aglomeração em vários outros centros urbanos e regiões; b) ação do estado em termos de investimento direto, incentivos fiscais e construção da infraestrutura; c) busca de recursos naturais, traduzida pelo movimento das fronteiras agrícola e mineral, com reflexos na localização de um conjunto de atividades industriais; d) unificação do mercado, potenciada pelo desenvolvimento da infraestrutura de transportes e comunicações, com efeitos sobre a competição interindustrial e a localização.”²

O polo do país, que em 1970 era responsável por 39,4% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, perde participação relativa, reduzindo para 32,8% no início dos anos 1990³. Outras regiões no entanto passam a ter importância crescente na geração da produção nacional como se pode ver na TABELA 1.

Entre os principais fatores que impulsionaram tal desconcentração, não se pode negligenciar o fato de que houveram vultuosos investimentos estatais em regiões de baixo dinamismo, Assim:

“...em cumprimento às ambiciosas metas do II PND, ocorreu uma avalanche de investimentos industriais pelas empresas controladas pelo governo federal denominadas "estatais" (aço, petróleo, fosfato, potássio, papel, petroquímica, carvão, mineração, titânio, cobre, cloroquímica, entre outros).”⁴

Entretanto, a partir dos anos noventa, esse processo começa a dar sinais de reversão, ou seja, de reconcentração na área mais desenvolvida do país.

A crise econômica que se instaura no último meado da década de 1980, faz com a situação fiscal do país se deteriore, impossibilitando-o de levar a cabo uma continuação

² DINIZ, Clélio C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. Brasília, IPEA 1995 pg. 13

³ Fonte: NEGRI; PACHECO, 1992 (Tab. 86.5);

⁴ DINIZ, Clélio C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. Brasília, IPEA 1995 pg. 13

do processo de intervenção estatal na assimetria do desenvolvimento regional brasileiro. Além deste fato:

“...as mudanças ideológicas e políticas no que diz respeito ao papel do Estado, a abertura externa da economia, em especial do Mercosul, e o processo de democratização seguramente terão efeitos decisivos sobre a configuração regional da indústria no Brasil, indicando a possibilidade de sua reaglomeração na região Centro-Sul do país.”⁵

TABELA 1 - BRASIL – Distribuição e Produção Industrial Segundo Grandes Regiões e Principais Estados, 1970-1990

Regiões e Estados Selecionados	1970	1975	1980	1985	1990
Amazonas	0,4	0,7	1,6	1,7	2,0
Pará	0,4	0,6	0,7	0,6	0,9
Demais Estados (RO, AC, RR, AP)	0,0	0,2	0,1	0,2	0,2
NORTE	0,8	1,5	2,4	2,5	3,1
Pernambuco	2,2	2,2	2,0	2,0	1,8
Bahia	1,5	2,1	3,5	3,8	4,0
Demais Estados (MA, PI, CE, RN, PB, AL, SE)	2,0	2,3	2,6	2,8	2,6
NORDESTE	5,7	6,6	8,1	8,6	8,4
São Paulo	58,1	55,9	53,4	51,9	49,3
Rio de Janeiro	15,7	13,5	10,6	9,5	9,9
Minas Gerais	6,5	6,3	7,7	8,3	8,8
Espirito Santo	0,5	0,6	0,9	1,2	1,3
SUDESTE	80,8	76,3	72,6	70,9	69,3
Paraná	3,1	4,0	4,4	4,9	5,6
Santa Catarina	2,6	3,3	4,1	3,9	4,1
Rio Grande do Sul	6,3	7,5	7,3	7,9	7,7
SUL	12,0	14,8	15,8	16,7	17,4
CENTRO-OESTE	0,8	0,8	1,1	1,4	1,8

FONTE: FIBGE Censos Industriais 1970, 1975, 1980 e 1985; Negri e Pacheco (1992), estimativas para o ano de 1990.

⁵ DINIZ, Clélio C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. Brasília, IPEA 1995 pg. 16

Logo, o livre jogo das decisões do mercado, resultou em uma localização de novos investimentos em plantas industriais, em cidades nas quais fossem encontradas vantagens locacionais como um bom aparato infra estrutural, incentivos fiscais, matérias-primas e boa ligação com centros comerciais e de distribuição

Assim, a desconcentração ficou restringida ao que DINIZ (1995 pg. 10) chama de “polígono”, situado na região que compreende “Belo Horizonte-Uberlândia-Londrina/Maringá-Porto Alegre-Florianópolis-São José dos Campos-Belo Horizonte”.

O autor também discute em sua tese as tendências locacionais posteriores. Assim, dada a abertura do mercado nacional, aliada a um novo paradigma tecnológico, os novos investimentos industriais tenderiam a se localizar em regiões com forte presença de algumas vantagens, nos moldes do desenvolvimento endógeno elaborado por BARQUERO (2001). Segundo este autor o desenvolvimento econômico local pode ser entendido pelo:

“... processo de crescimento e mudança estrutural que ocorre em razão da transferência de recursos das atividades tradicionais para as modernas, bem como pelo aproveitamento das economias externas e pela introdução de inovações, determinando a elevação do bem-estar da população de uma cidade ou região. Este conceito está baseado na ideia de que localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais, bem como de economias de escala não aproveitadas, que formam seu potencial de desenvolvimento.”⁶

Neste sentido, o Brasil estaria se encaminhado para uma reaglomeração industrial. O que corrobora essa constatação, é o fato de que as mudanças tecnológicas em curso nos países industrializados, resultando em um processo de reestruturação no

⁶ BARQUERO, Antonio Vásquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2002 pg. 57

sistema produtivo internacional, “estão fortemente sustentados na ciência e na técnica”.⁷

Assim:

“Embora estes recursos possam ser encontrados em localizações dispersas, tendem a se restringir a regiões com grandes aglomerações urbanas. As poucas localidades com vantagens preexistentes tendem a ampliá-las ainda mais, uma vez que o crescimento das atividades de alta tecnologia agem como poderosa força aglomerativa.”⁸

Com base nestas constatações conclui-se que embora o Brasil tenha alcançado uma relativa desconcentração industrial durante a década de 1970 e parte da década de 1980, a partir desta última há uma reversão do processo, com uma certa estagnação em sua metade final. Logo, a partir dos anos 1990, com a adoção do ideário neoliberal, resultando em uma abertura dos mercados, e um novo paradigma tecnológico, há tendência a uma reconcentração em polos anteriormente desenvolvidos ou “concentração poligonal”, pois:

“Esta região, composta pelos estados de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e pelo próprio estado de São Paulo, excluída a sua área metropolitana, ampliou sua participação na produção industrial do país de 33% para 51% entre 1970 e 1990”.⁹

2.2 A DESCONCENTRAÇÃO EM “ILHAS DE PRODUTIVIDADE”

Mesmo havendo uma estagnação da desconcentração das indústrias nos anos 1990, há a necessidade de se compreender a tendência de que surjam áreas de maior

⁷ DINIZ, Clélio C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. Brasília, IPEA 1995 pg. 41

⁸ SCOTT, A.J. e STORPER, M. (eds.) Production, work, territory. The Geographical anatomy of industrial capitalism. — Boston: Allen & Unwin, 1986.

⁹ DINIZ, Clélio C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. Brasília, IPEA 1995 pg. 42

dinamismo, em alguns segmentos, e em quase todas as partes. Aumentando, desta feita, a heterogeneidade entre regiões brasileiras e formando “ilhas de produtividade”. Para se chegar a esse resultado, se torna necessário analisar a dinâmica regional do Brasil na década de 1990, a partir do investimento, do emprego e da produção industrial.

Assim, após a concentração produtiva inicial. Entre os anos 1970-1985 o eixo Rio de Janeiro – São Paulo perde participação relativa no valor da transformação industrial brasileira, em favor de outras regiões até então economicamente periféricas. Esta desconcentração se dá, principalmente, na indústria de bens de consumo não duráveis, porém também ocorre, mesmo que em menor grau, no ramo de bens intermediários. No segmento de bens de capital e consumo durável há praticamente uma estagnação, caracterizando uma relativa concentração deste setor nos antigos polos.

Ainda nesta época, São Paulo e Região Metropolitana e Rio de Janeiro “perderam 20% de participação no VTI nacional, o que significa que, entre 1970 e 1985, cerca de 75% de todo o acréscimo do produto industrial brasileiro ocorreu fora dessas duas áreas geográficas” (PACHECO 1999, pg. 7).

Logo, nesta fase há uma relativa continuidade da desconcentração em determinados segmentos, enquanto, para outros, a tendência é que sua localização mantenha-se com poucas alterações. Por esse motivo:

“...nos anos da segunda metade da década de 80 e da primeira metade dos anos 90, as informações disponíveis não permitem que se conclua nem pela continuidade da desconcentração nem pela presença de um processo de reconcentração”¹⁰

Para entender esse fato, há de se entender a conjuntura nacional. Estes foram os anos da redemocratização, marcados pela instabilidade econômica e pelo baixo crescimento. Assim, sendo:

¹⁰ GUIMARÃES NETO, Leonardo. Desigualdades e políticas regionais no Brasil: caminhos e descaminhos. *Planejamento e Políticas Públicas*. Brasília, IPEA, n.15, jun. 1997.

"...Na verdade, a desconcentração da produção corrente é consequência do fato de a indústria paulista e a do Rio de Janeiro crescerem a um ritmo inferior à média nacional, durante os anos de recuperação, e declinarem a taxas maiores, nos anos de recessão. Esse comportamento distinto da indústria de São Paulo é determinado por sua própria estrutura e pelo maior grau de encadeamento intersetorial que apresenta, o que a torna mais susceptível aos efeitos negativos da queda do investimento privado. Esse é um aspecto bastante importante porque, no contexto de baixo crescimento e de ausência de realocação de plantas industriais, as estatísticas correntes da produção física ou do valor adicionado tendem a reproduzir as flutuações do nível da atividade. A essas oscilações soma-se também o fato de que os poucos setores com acréscimo de capacidade produtiva estiveram majoritariamente localizados fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, especialmente de sua metrópole."¹¹

Assim, entende-se que a desconcentração relativa das indústrias dos principais polos, São Paulo e Rio de Janeiro, vem do fato de terem um maior grau de encadeamento. Em uma conjuntura recessiva, o efeito foi de que essas mesmas localidades respondessem mais radicalmente, isto é, acumulando perdas maiores que outras regiões. E que, além disso, a maioria dos novos investimentos em plantas industriais, não estavam lá localizados. O que resultou em uma redução da participação dessas cidades, e significou ganhos para Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, para o interior de São Paulo e para outras regiões brasileiras (Norte, Centro-Oeste e Espírito Santo).

O comportamento dos segmentos que acompanharam essa desconcentração foram, no entanto, bem *sui generis*. Segundo aponta PACHECO (1999 pg. 16):

"(a) considerando-se todo o período (1985 a 1997), o menor crescimento médio de São Paulo, comparativamente ao total do país, é resultado de

¹¹ PACHECO, Carlos Américo. **Novos padrões de localização industrial ?**: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, 633) pg. 13

taxas menores de crescimento nos gêneros vestuário e calçados (nos quais a queda de São Paulo é bem mais acentuada que a média brasileira), material elétrico e de comunicações, mecânica, metalurgia, material de transporte e produtos alimentares. Apenas no segmento de bebidas, a média paulista é sensivelmente maior que o respectivo índice da produção nacional;(b) no mesmo período, as taxas do Sul do país são iguais ou maiores que a média nacional em todos os gêneros, com exceção de bebidas e química; (c) Minas Gerais também tem taxas superiores ou similares à média nacional na maioria dos gêneros; são exceções têxtil, vestuário e calçados, e bebidas; (d) nesses mesmos doze anos, os índices do Nordeste são maiores que a média nacional apenas para química, metalurgia e material elétrico e de comunicações;(e) considerando-se apenas o período pós-1993, observa-se comportamento bem menos nitido das tendências de concentração regional por setores. A indústria paulista tem índices superiores à média em quatro gêneros, inferiores à média em outros quatro, e similares em outros três; e (f) o desempenho das demais regiões também revela um padrão menos evidente de desconcentração. No caso nordestino, chama atenção que apenas a metalurgia e a têxtil (queda menos acentuada que a média brasileira) apresentam taxas sensivelmente maiores que a média nacional.”

Conclui-se então que há uma desconcentração para a maioria dos segmentos (excluindo bebidas) no primeiro período. E que essa desconcentração se dá para todas as regiões, entretanto para segmentos distintos. O que corrobora a tese da heterogeneidade das regiões e das “ilhas de produtividade”. Porém, para o segundo período utilizado (Pós-1993), a desconcentração não se torna tão evidente.

Na tentativa de evidenciar a tendência de desaglomeração industrial, é utilizado o indicador de evolução do emprego nos setores de transformação e extração, nas diversas unidades da Federação. Dada a natureza da reestruturação produtiva ser

voltada a baixa relação emprego-produto, pode não representar menor produção, mas sim ganhos na produtividade do trabalho. Entretanto:

“...para invalidar o uso dos indicadores de emprego, seria preciso supor alterações substanciais, em termos de sua diferenciação regional, no salário médio e na relação salário/valor agregado — hipóteses que têm sido descartadas pelos analistas que acompanham o debate recente acerca da evolução da produtividade da indústria brasileira.”¹²

Logo, os dados de emprego indicam uma continuidade da desconcentração. Perdem participação São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco (nos períodos 1986 a 1996 e 1993 a 1996) e Amazonas (apenas no período 1986 a 1996). Entretanto, aumentam sua participação os estados de Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul (este último apenas no período 1986 a 1996), o conjunto do Nordeste, com exceção de Pernambuco e Bahia (especialmente o Ceará), o Centro-Oeste (especialmente Goiás) e Santa Catarina.

Conclui-se que há um padrão de desconcentração, em setores como o metal-mecânico, para as regiões Sul e Sudeste, e para têxtil e calçados no Nordeste. E uma tendência à reconcentração para informática e telefonia.

O que demonstra, no entanto, que algumas regiões devem se especializar na produção de determinados bens, é a análise das tendências de investimento. Esta análise mostra a localização das novas intenções segundo localização da atividade produtiva (TABELA 2).

¹² : PACHECO, Carlos Américo. **Novos padrões de localização industrial ?**: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, (633) pg. 19

TABELA 2¹³ - Número de Empresas com Intenção de Investimento Segundo Localização da Atividade Produtiva Indústria Extrativa e Transformação

Atividade Principal	Região/Unidade da Federação Selecionada																				
	NO	NE	SE	SU	CO	AM	PA	CE	PE	PB	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS	GO	ND*	BR
Extrativa mineral	1	2	12	0	1	0	1	0	0	1	1	2	7	2	1	0	0	0	1	1	17
Autopeças	1	2	35	5	0	1	0	1	0	1	0	0	13	0	22	1	0	4	0	33	76
Bebidas	0	8	9	1	0	0	0	1	0	1	4	0	2	5	2	0	1	0	0	5	23
Calçados e artef. de couro	0	10	0	0	0	0	0	3	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	11
Editorial e gráfica	0	3	4	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	2	1	0	0	0	0	0	7
Eletrodomésticos	0	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	1	5
Fumo	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	3	0	0	5
Informática	2	2	5	0	0	2	0	0	0	0	2	2	0	0	3	0	0	0	0	0	9
Instrumentos hospitalares	1	4	2	1	0	1	0	0	1	2	1	0	0	0	2	0	1	0	0	0	8
Máquinas e equipamento	0	4	7	2	0	0	0	2	0	0	2	0	2	1	4	0	2	0	0	0	13
Mat. de transporte	2	1	2	0	1	2	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	7	13
Mat. elétrico	0	3	1	1	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	5
Mat. eletrônico e comum.	3	1	12	0	0	3	0	0	1	0	0	0	0	3	9	0	0	0	0	2	18
Mat. plástico e borrach	0	12	7	2	0	0	0	0	5	3	2	0	1	0	6	0	2	0	0	2	23
Metalúrgica	2	17	30	1	0	0	2	3	3	1	2	1	14	7	8	0	0	1	0	2	52
Minerais não metálicos	1	26	13	2	0	1	0	4	6	4	6	0	4	3	6	0	2	0	0	2	44
Móveis e indústrias diversas	0	4	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	5
Papel e celulose	5	15	16	9	0	1	2	2	0	1	8	1	4	0	11	5	3	1	0	0	45
Produtos alimentícios	1	18	30	6	8	0	1	1	2	0	10	1	14	2	13	3	3	0	7	15	78
Produtos de madeira	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	4
Produtos químicos	1	45	68	11	0	1	0	3	7	0	29	0	5	15	48	0	1	10	0	13	138
Produtos têxteis	0	52	17	0	2	0	0	17	10	11	3	0	10	1	6	0	0	0	2	1	72
Reciclagem	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Tratores e máq. agrícolas	0	0	5	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	1	1	6	14
Veículos automotores	0	0	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	6	2	0	0	0	7	18
Vestuário	0	8	0	0	0	0	0	2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8
Total	20	240	293	48	13	12	6	40	43	33	70	7	82	45	159	13	15	20	12	99	713

FONTE: Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, Secretaria de Política Industrial, Brasil: Oportunidades, Intenções e Decisões de Investimento.

Nota: * Não declara a unidade da Federação de implantação.

Apesar de não inferir sobre informações concretas de investimento, esta tabela norteia a conclusão de que calçados, vestuário têxtil, material elétrico, móveis, papel e celulose, instrumentos hospitalares e material plástico estão fortemente concentrados no Nordeste. Máquinas e equipamentos, autopeças e veículos automotivos, no Sul e Sudeste. Eletrônica e material de comunicações em São Paulo e Manaus. Informática em São Paulo e Espírito Santo. E, por fim, química no Sudeste, Nordeste (Bahia) e Sul.

¹³ Retirado de: PACHECO, Carlos Américo. **Novos padrões de localização industrial ?**: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, (633) pg. 28

Neste contexto, existem ainda seis pontos importantes, destacados por PACHECO (1999, pg. 36) para se compreender o conjunto dos movimentos espaciais da economia brasileira: i) os investimentos do final da década de 70 ainda repercutiram no início dos anos 80 e trouxeram consigo forte componente de desconcentração; ii) o esforço exportador possibilitou alternativas localizadas de dinamismo econômico; iii) nos anos 1980, setores intensivos em recursos naturais, fugindo das deseconomias de aglomeração próprias das grandes cidades, tenderam a se localizar fora das áreas metropolitanas; iv) em função da crise, áreas mais industrializadas, dada a dependência da demanda intra-industrial, tendiam a ter sua produção caindo mais rapidamente. Logo, as periferias, sobretudo onde havia agroindústria e indústria de bens intermediários, viam-se em melhor posição relativa; v) a privatização e a crise fiscal reduzem o grau de investimentos públicos, assim a desconcentração industrial perde fôlego, especialmente na economia nordestina; e vi) o ajuste microeconômico da indústria, que traz consigo uma série de impactos locacionais, nem sempre são captados pelas estatísticas da produção corrente.

Assim, conclui-se que há uma continuidade da desconcentração industrial brasileira, com perdas para São Paulo e Rio de Janeiro. E, ao mesmo tempo, uma maior heterogeneidade das regiões com a formação das chamadas “ilhas de produtividade” em especial nas antigas periferias e cidades medias.

3 O PARANÁ NO CONTEXTO “POLÍGONAL” BRASILEIRO

Embora a economia brasileira esteja recentemente passando por um processo de desconcentração da atividade industrial. É evidente que o grau de importância de poucas regiões no valor adicionado, ainda é muito alto. Desta maneira, o Paraná, não apenas manteve, como aumentou sua participação no valor da transformação industrial, durante a década de 2000.

Nesta seção é apresentada de que forma a teoria da “concentração poligonal” de Diniz, permite explicar a consolidação do Paraná como um importante e competitivo polo industrial na década de 2000, através da sua participação na economia nacional e a descrição e quantificação do desenvolvimento dos principais segmentos industriais do estado. Para tanto, serão apresentados dados relativos as contas nacionais e regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como de sua Pesquisa Industrial Anual (PIA). Além disso, serão expostos dados retirados do Anuário Estatístico do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES).

A primeira parte explicará, de forma sucinta, a tendência recente de localização das atividades industriais no Brasil e a participação relativa das grandes regiões no valor adicionado. Como meio de contextualizar o Paraná dentro da dinâmica nacional, na parte seguinte será feita a descrição dos principais ramos e segmentos presentes no estado.

3.1 A RECENTE LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS NO BRASIL

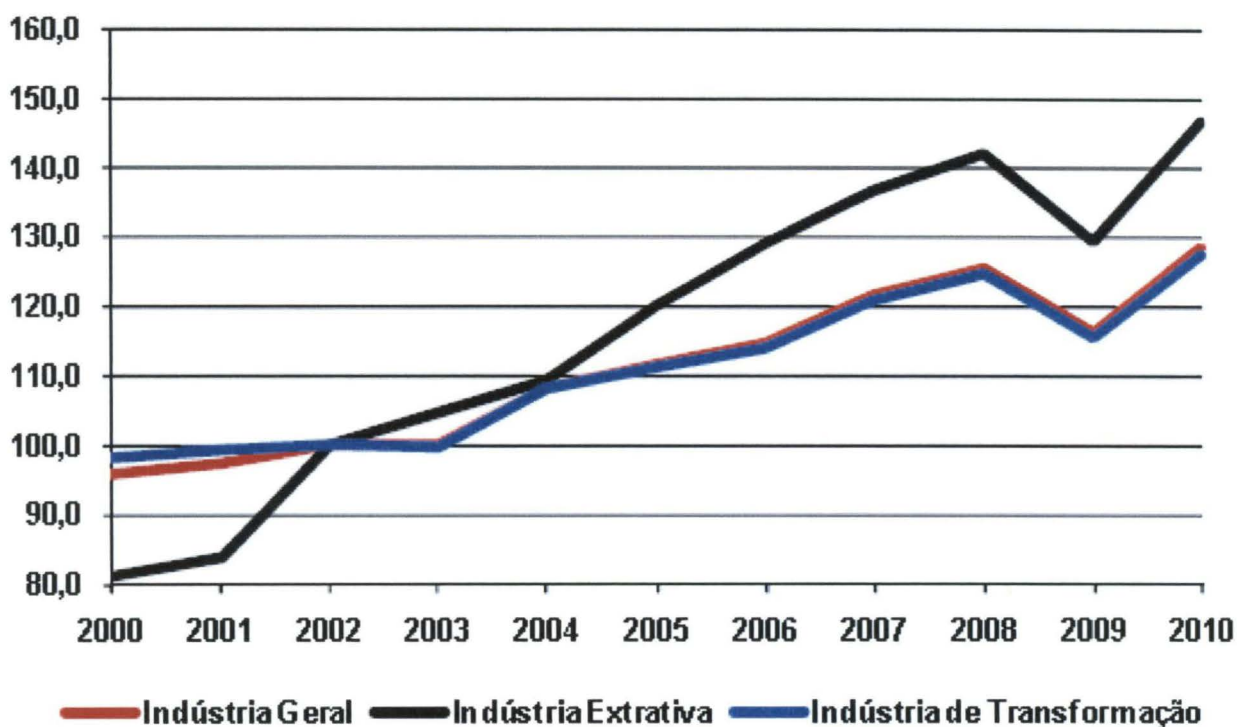
Entre os anos de 2000 e 2010, a indústria brasileira teve uma consistente trajetória de alta. Após a estabilização cambial ocorrida em meados de 1999, o Brasil expande sua produção consideravelmente até o ano de 2009, quando, em consequência à crise internacional, há uma significativa queda, só voltando a crescer em 2010 (como se constata no GRÁFICO 1). Sobre o crescimento das diferentes atividades industriais, nota-se que desde 2002 a expansão da produção da indústria extrativa mostrou-se superior no geral.

Na indústria de transformação, verificando-se os dados por categorias de uso (GRÁFICO 2), nota-se que a categoria bens de consumo teve um crescimento sustentado, enquanto os bens de consumo intermediários tiveram uma trajetória estável. Entretanto, os bens de capital enfrentaram uma trajetória bem volátil entre esses anos

(para essa conclusão procurou-se excluir os efeitos anômalos de 2009, dada à sua característica exógena).

Compreende-se que o Brasil manteve, durante a década, uma conjuntura de crescimento industrial, muito embora diferente para atividades distintas. Onde se deve fazer menção, principalmente, ao crescimento do segmento extrativista, que praticamente dobrou sua participação no valor adicionado bruto, e a estabilidade na indústria de transformação, como se constata na TABELA 3.

GRÁFICO 1 - Produção Física por Seção Industrial no Brasil (Número Índice) – 2000 a 2010



Fonte: IBGE/ Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF).

Obs.: Índice mensal de base fixa sem ajuste sazonal (base: 2002=100).

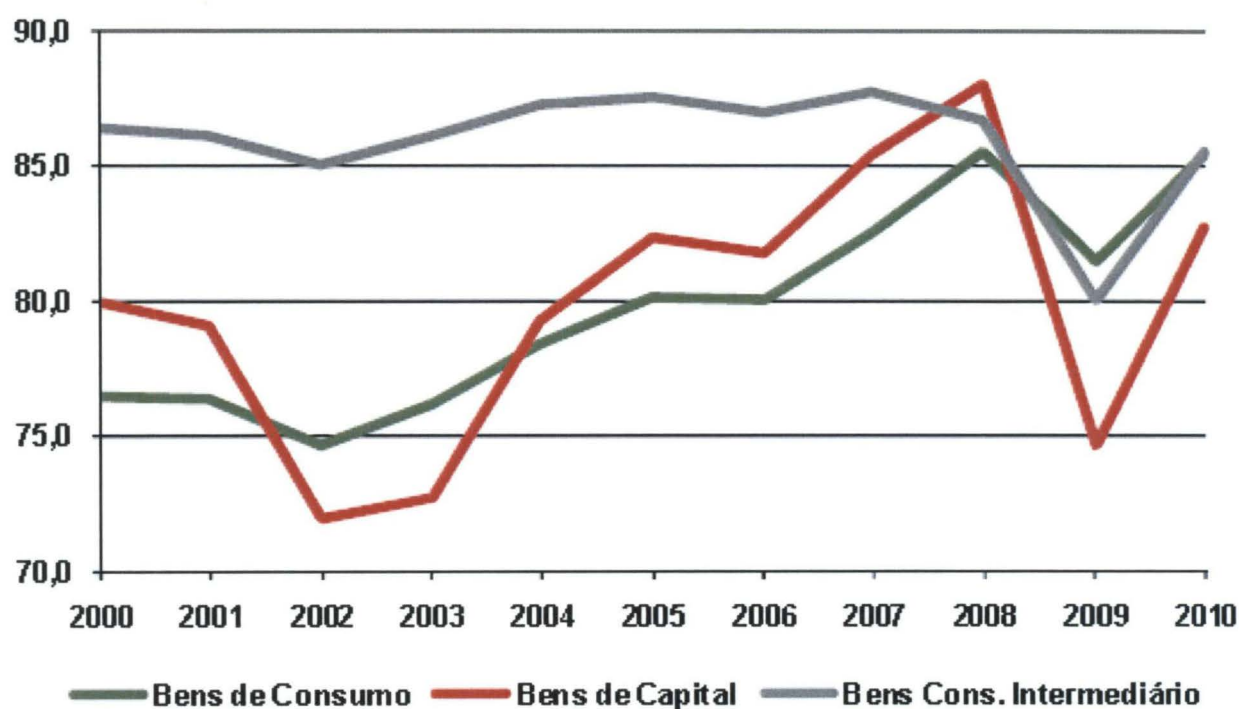
Elaboração: BNB/ETENE/CIEST.

As causas dessa constatação estão, entre outras, no aumento das exportações brasileiras para países emergentes, na expansão real do salário mínimo (com impactos diretos sobre as aposentadorias), no aumento das destinações de recursos ao Bolsa Família (orçados em R\$ 6,4 bilhões até setembro de 2006) e no aumento do emprego, e consequentemente fizeram com que a atividade extrativa e o consumo de bens não-

duráveis, se mostrassem mais dinâmicos no Brasil nessa fase. Com base na evolução das exportações por fator agregado (segundo participação relativa – TABELA 4), é possível notar que a partir do ano de 2009, a produção de bens básicos ultrapassa a de manufaturados, a qual estava em queda desde o início da década. Isto destaca a reprimarização da pauta de exportações no Brasil.

Esta explicação é necessária para se entender o atual desenvolvimento das atividades industriais no Brasil, bem como sua localização.

GRÁFICO 2 - Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da Indústria por Categorias de Uso no Brasil (%) – 2000 a 2010.



Fonte: BCB/Sistema Gerenciador de Séries Temporais.
Elaboração: BNB/ETENE/CIEST

TABELA 3 - PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO VALOR ADICIONADO BRUTO A PREÇOS BÁSICOS, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO 2002-2010

Atividades Econômicas	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)								
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
	Brasil								
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Agropecuária	6,6	7,4	6,9	5,7	5,5	5,6	5,9	5,6	5,3
Indústria	27,1	27,8	30,1	29,3	28,8	27,8	27,9	26,8	28,1
Indústria Extrativa	1,6	1,7	1,9	2,5	2,9	2,3	3,2	1,8	3,0
Indústria de Transformação	16,9	18,0	19,2	18,1	17,4	17,0	16,6	16,6	16,2
Construção Civil	5,3	4,7	5,1	4,9	4,7	4,9	4,9	5,3	5,7
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	3,3	3,4	3,9	3,8	3,8	3,6	3,1	3,1	3,2

Fonte: IBGE/Contas Nacionais 2010

TABELA 4¹⁴ - Exportação Brasileira por Fator Agregado - 2000-2010 – Valores em US\$ milhões FOB

ANO	BÁSICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		TOTAL GERAL (**)		Part. %s/ Total Geral		
	Valor	Var. %(*)	Valor	Var. %(*)	Valor	Var. %(*)	Valor	Var. %(*)	Básicos	Semimaf.	Manuf.
2000	12.562	6.2	8.499	6.5	32.528	19.0	55.096	14.7	22.8	15.4	59.0
2001	15.342	22.1	8.244	-3.0	32.901	1.1	58.223	5.7	26.4	14.2	56.6
2002	16.952	10.5	8.954	8.7	33.001	0.3	60.362	3.7	28.1	14.9	54.7
2003	21.179	24.9	10.943	22.1	39.654	20.2	73.084	21.1	29.0	15.0	54.3
2004	28.518	34.7	13.431	22.7	52.948	33.5	96.475	32.0	29.6	13.9	54.9
2005	34.721	21.8	15.951	18.8	65.144	23.0	118.308	22.6	29.3	13.5	55.1
2006	40.285	16.0	19.523	22.3	75.018	15.2	137.807	16.5	29.2	14.2	54.4
2007	51.596	28.1	21.800	11.7	83.943	11.9	160.649	16.6	32.1	13.6	52.3
2008	73.028	41.5	27.073	24.2	92.682	10.4	197.942	23.2	36.9	13.7	46.8
2009	61.957	-15.2	20.499	-24.3	67.349	-27.3	152.995	-22.7	40.5	13.4	44.0
2010	90.005	45.3	28.207	37.6	79.563	18.1	201.915	32.0	44.6	14.0	39.4

Neste sentido, há de se caracterizar a dinâmica industrial para diferentes estados e segmentos. Para tanto, serão utilizados os dados das Contas Regionais do IBGE. A TABELA 5, mostra a participação relativa dos estados no Brasil, para o valor adicionado total da indústria, a TABELA 6, para a indústria extrativa e a TABELA 7, para a indústria de transformação.

¹⁴ Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, 2011

Com base nesses dados é possível notar, primeiramente, que, no que concerne ao total da atividade industrial, houve uma relativa desconcentração em favor das regiões Norte (especialmente no Pará), Nordeste e Centro-Oeste. Embora tal fato não possa evidenciar uma forte desaglomeração (dado que os estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul ainda respondam por 58,2% de todo o valor adicionado nacional ao final da década), os resultados mostram uma tendência de que regiões fora do “polígono” estejam auferindo maior participação relativa.

Entretanto, quando se desagregam os dados por atividade industrial, nota-se que, embora as regiões fora do “polígono” estejam ganhando participação relativa, esta se dá principalmente no segmento extrativista. Já na indústria de transformação, pouca coisa se alterou, com a região Sul e Sudeste ainda sendo responsável por mais de 80% do valor adicionado.

Assim, os dados corroboram com o atual contexto nacional. A chamada reprimarização faz com que, durante a década, ganhem maior importância regiões onde há a predominância da produção de bens com baixo valor agregado, ou seja, onde a indústria extrativista tem uma presença mais forte. Como visto, tal segmento tem a característica de ser marcado pela maior presença do estado (petróleo, minerais, entre outros...). Entretanto, no panorama da localização da indústria de transformação, pela qual decisões são baseadas levando-se em conta economias de aglomeração, não houveram alterações relevantes. O que confirma o fato de que ainda há uma “concentração poligonal” no Brasil, principalmente no segmento de maior valor agregado (a região que compreende os estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul detém 73,4% de todo o valor adicionado do Brasil).

TABELA 5 - Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – TOTAL

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
	TOTAL									
Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
NORTE	4,8	4,9	5,1	5,1	5,2	5,1	5,3	5,2	5,5	
Rorônia	0,5	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	
Acre	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	
Amazonas	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6	1,5	1,5	1,5	1,5	
Roraima	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	
Pará	1,8	1,8	1,9	1,9	2,0	1,9	2,0	1,9	2,2	
Amapá	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	
Tocantins	0,4	0,4	0,5	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	0,5	
NORDESTE	13,3	13,0	13,0	13,3	13,3	13,3	13,5	13,9	13,8	
Maranhão	1,1	1,2	1,2	1,2	1,3	1,2	1,3	1,3	1,3	
Piauí	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	
Ceará	2,0	1,9	1,9	2,0	2,0	1,9	2,0	2,1	2,1	
Rio Grande do Norte	0,8	0,8	0,8	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	
Paraíba	0,9	0,9	0,8	0,8	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	
Pernambuco	2,4	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,4	2,5	
Alagoas	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	
Sergipe	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,6	0,7	
Bahia	4,1	4,0	4,1	4,2	4,1	4,2	4,1	4,3	4,2	
SUDESTE	55,7	54,9	54,7	55,7	56,0	55,5	54,9	54,4	54,4	
Minas Gerais	8,7	8,8	9,4	9,1	9,2	9,2	9,5	9,0	9,5	
Espirito Santo	1,7	1,7	1,9	2,1	2,1	2,1	2,2	1,9	2,1	
Rio de Janeiro	11,6	11,1	11,1	11,3	11,5	11,0	11,2	10,8	10,7	
São Paulo	33,7	33,3	32,3	33,2	33,2	33,2	32,0	32,6	32,1	
SUL	17,1	18,0	17,8	16,8	16,5	16,9	16,8	16,8	16,6	
Paraná	6,1	6,6	6,5	6,0	5,9	6,2	6,0	6,0	5,8	
Santa Catarina	3,8	4,0	4,1	4,0	4,0	4,0	4,1	4,1	4,0	
Rio Grande do Sul	7,2	7,4	7,2	6,7	6,7	6,7	6,7	6,8	6,8	
CENTRO-OESTE	9,1	9,2	9,4	9,1	8,9	9,1	9,5	9,8	9,6	
Mato Grosso do Sul	1,1	1,1	1,1	1,0	1,0	1,0	1,1	1,1	1,2	
Mato Grosso	1,5	1,7	2,0	1,8	1,5	1,7	1,8	1,8	1,6	
Goiás	2,6	2,6	2,6	2,4	2,5	2,5	2,6	2,7	2,6	
Distrito Federal	3,9	3,8	3,8	3,9	3,9	3,9	4,0	4,2	4,1	

Fonte: IBGE/Contas Nacionais 2010

TABELA 6 - Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – INDÚSTRIA EXTRATIVA

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
	INDÚSTRIA EXTRATIVA									
	Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100
NORTE		9,6	9,3	10,2	8,2	6,8	7,1	10,3	11,6	18,5
Rondônia		0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1
Acre		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Amazonas		1,7	1,6	1,7	1,6	1,6	1,4	1,2	1,1	0,8
Roraima		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pará		7,5	7,3	8,2	6,5	5,1	5,3	8,8	10,2	17,4
Amapá		0,2	0,2	0,1	0,1	0,0	0,2	0,1	0,1	0,1
Tocantins		0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1
NORDESTE		11,4	10,8	11,2	10,2	9,7	10,1	9,5	9,1	7,4
Maranhão		0,2	0,9	1,2	1,0	0,8	0,7	1,1	1,5	1,0
Piauí		0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1
Ceará		0,8	0,7	0,6	0,6	0,5	0,5	0,4	0,5	0,3
Rio Grande do Norte		4,5	3,5	3,4	3,5	3,1	3,0	2,5	2,2	1,8
Paraíba		0,3	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1
Pernambuco		0,4	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Alagoas		0,4	0,3	0,3	0,4	0,4	0,6	0,4	0,3	0,2
Sergipe		1,5	1,6	1,5	1,6	1,7	1,8	2,1	1,8	1,3
Bahia		3,3	3,3	3,7	2,9	2,9	3,2	2,9	2,5	2,4
SUDESTE		74,1	75,4	73,7	78,3	81,1	79,1	77,6	75,0	71,1
Minas Gerais		15,2	16,2	17,5	13,7	10,1	10,5	12,1	14,1	22,2
Espírito Santo		6,5	5,9	7,2	7,7	7,8	10,3	10,7	9,4	11,8
Rio de Janeiro		49,9	51,4	46,9	55,3	62,0	57,3	53,5	49,2	35,3
São Paulo		2,5	1,8	2,1	1,5	1,3	1,1	1,2	2,3	1,8
SUL		2,8	2,5	2,8	2,0	1,3	1,6	1,3	2,0	1,4
Paraná		0,9	0,8	1,0	0,7	0,5	0,5	0,4	0,6	0,3
Santa Catarina		0,9	0,7	0,9	0,6	0,4	0,5	0,5	0,8	0,6
Rio Grande do Sul		0,9	1,0	1,0	0,8	0,4	0,5	0,4	0,6	0,5
CENTRO-OESTE		2,2	2,0	2,0	1,3	1,0	2,1	1,3	2,4	1,6
Mato Grosso do Sul		0,3	0,3	0,1	0,2	0,2	0,2	0,4	0,3	0,5
Mato Grosso		0,2	0,2	0,3	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Goiás		1,6	1,3	1,4	0,8	0,6	1,9	0,8	1,9	0,9
Distrito Federal		0,0	0,2	0,2	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0

Fonte: IBGE/Contas Nacionais 2010

TABELA 7 - Participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação no Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos por Atividade Econômica – 2002-2010 – INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO										
	Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100
NORTE		4,8	4,6	4,6	4,8	5,4	4,8	4,5	4,2	4,8
Rondônia		0,2	0,2	0,2	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	0,4
Acre		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1
Amazonas		3,1	3,0	2,9	3,0	3,4	2,9	2,7	2,9	3,2
Roraima		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pará		1,2	1,2	1,4	1,3	1,6	1,4	1,3	0,9	1,0
Amapá		0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Tocantins		0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
NORDESTE		9,7	9,4	8,7	9,2	9,2	8,8	8,8	9,6	9,3
Maranhão		0,5	0,6	0,5	0,5	0,7	0,6	0,5	0,3	0,3
Piauí		0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,2
Ceará		1,6	1,4	1,4	1,3	1,4	1,4	1,5	1,6	1,5
Rio Grande do Norte		0,4	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Paraíba		0,5	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6	0,5
Pernambuco		1,6	1,6	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6	1,6	1,7
Alagoas		0,6	0,6	0,6	0,5	0,5	0,5	0,4	0,3	0,4
Sergipe		0,5	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3
Bahia		3,9	3,5	3,5	4,0	3,7	3,4	3,2	4,2	4,1
SUDESTE		60,5	60,9	61,3	61,8	61,5	62,8	62,7	60,6	60,3
Minas Gerais		8,9	8,9	9,8	9,5	9,8	10,0	10,7	9,6	10,4
Espírito Santo		1,8	1,8	1,8	1,9	1,9	1,9	1,6	1,4	1,4
Rio de Janeiro		6,3	6,2	6,9	6,4	6,4	6,5	6,7	6,6	6,5
São Paulo		43,5	44,1	42,7	44,0	43,4	44,4	43,7	43,0	42,0
SUL		21,4	21,5	21,8	20,5	20,1	19,9	20,1	21,1	21,0
Paraná		6,5	7,0	7,0	6,5	6,5	6,5	6,3	6,7	6,4
Santa Catarina		5,6	5,4	5,6	5,5	5,6	5,7	5,8	5,4	5,6
Rio Grande do Sul		9,3	9,1	9,2	8,5	8,0	7,7	8,0	8,9	8,9
CENTRO-OESTE		3,6	3,6	3,7	3,7	3,8	3,7	4,0	4,6	4,7
Mato Grosso do Sul		0,5	0,6	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6	0,8
Mato Grosso		0,8	0,8	1,1	1,0	0,8	0,8	0,9	1,0	1,2
Goiás		1,8	1,7	1,6	1,9	2,1	2,0	2,1	2,5	2,3
Distrito Federal		0,5	0,5	0,3	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	0,4

Fonte: IBGE/Contas Nacionais 2010

A partir dos dados do Valor da Transformação Industrial – VTI (TABELA 8), podemos verificar que embora, durante a década, tenha havido uma redução relativa da participação do antigo “polígono”. Essa redução é apenas marginal, em um ponto percentual para o Centro-Oeste e dois para o Norte. Não caracterizando, desta feita, nem uma desconcentração, nem uma reconcentração.

TABELA 8 - Evolução da Participação Relativa de Grandes Regiões no Valor da Transformação Industrial no Brasil – 2001-2010 - Em %

Transformação Industrial	no Brasil – 2001-2010 - Em %									
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
BRASIL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
NORTE	5%	5%	5%	6%	6%	6%	6%	6%	6%	7%
NORDESTE	9%	9%	9%	9%	9%	10%	10%	10%	10%	9%
SUDESTE	65%	64%	63%	63%	63%	63%	63%	62%	61%	61%
SUL	19%	19%	19%	19%	18%	18%	18%	18%	19%	18%
CENTRO-OESTE	3%	3%	3%	3%	4%	3%	3%	4%	4%	4%

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL ANUAL (PIA) - IBGE 2002 à 2011

Elaboração própria

Com base nesses dados, pode-se afirmar que a desaglomeração, nos anos entre 2000 e 2010, se dá de forma irregular. E, principalmente, no segmento extrativista. Enquanto na indústria de transformação, pouco se altera. Dado que o segmento extrativista se caracterizou por, como explica DINIZ (1995, pg. 13), “investimentos industriais pelas empresas controladas pelo governo federal denominadas ‘estatais’” e, somando se isso ao maior ímpeto das exportações de produtos básicos. Logo, a tese de “concentração poligonal” nas atividades manufatureiras, continua válida para a década estudada e que, mesmo havendo um aumento na participação relativa do valor da transformação industrial para algumas regiões, isto não caracteriza um maior dinamismo, dado que sua redistribuição foi apenas marginal e volátil.

Desta maneira, cabe agora analisar qual foi a tendência da economia paranaense na recente década. Assim, é necessário entender como o Estado se insere na atual conjuntura nacional, estando ele inserido na “concentração poligonal” brasileira.

3.2 A INDÚSTRIA PARANAENSE NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO

A economia paranaense ocupa um importante papel na produção nacional, respondendo, em 2010, por 5,84% do PIB brasileiro, sendo a quinta maior economia do país. Desta feita, e como visto anteriormente, o estado se enquadra no "polígono" traçado por DINIZ. Nesta seção será abordada a atual conjuntura da atividade industrial paranaense dentro do contexto nacional.

Entre os anos de 2000 e 2010, especialmente a partir de 2004, a indústria do Paraná intensificou suas atividades, principalmente nas cadeias produtivas de veículos automotores, bem como consolidou alguns segmentos tradicionais, como o de confecções e, mais recentemente, o segmento sucroalcooleiro.

Na fase 1999-2003, o desempenho negativo de várias atividades, com exceções como as de bebidas, madeira, máquinas e equipamentos e veículos automotores, derivou da fraca dinamicidade da economia nacional, gerada por crises externas (Argentina 1999) e internas (apagão de 2001). Entretanto, a indústria do estado aumentou sua participação relativa durante o período 2002-2010. Como é possível notar na TABELA 9, a participação sobe de 5,9% em 2001 para 7,3% em 2008. Embora o resultado de 6,6% para 2010 seja muito aquém do normal, deve-se lembrar que durante o ano de 2009 o país sentiu os efeitos da crise internacional.

TABELA 9 - Participação Relativa no Valor da Transformação Industrial do Paraná no Brasil 2000-2010 (em R\$ 1000)

VTI/ANO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
BRASIL-TOTAL	290.591.847	335.010.096	407.911.079	480.300.085	508.247.624	551.934.194	594.390.574	716.098.333	668.497.584	822.961.978
PARANA-TOTAL	17.219.930	21.837.095	27.648.284	31.062.151	32.389.969	36.338.839	41.192.830	52.540.750	48.795.457	54.841.477
PR/BR-%	5,92%	6,5%	6,7%	6,5%	6,3%	6,5%	6,9%	7,3%	7,2%	6,6%

FONTE: Pesquisa Industrial Anual - IBGE (2001 à 2010)

Elaboração do autor

Assim, como visto anteriormente, embora o Paraná tenha perdido participação relativa no valor adicionado bruto total do país, nota-se, a partir do valor da transformação industrial - VTI, que o estado aumentou sua participação em setores com maior valor agregado. Ou seja, setores que, segundo DINIZ (1995), tendem a se localizar onde há vantagens econômicas de aglomeração.

A partir dos dados da TABELA 10, verifica-se que entre os anos de 2002 e 2010, o Paraná aumenta sua participação relativa nas atividades: Confeção de artigos do vestuário e acessórios (de 5,63% para 6,65%); Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados (de 1,76% para 2,67%); Edição, impressão e reprodução de gravações (de 3,53% para 4,59%); Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustível (de 7,13% para 10,74%); Fabricação de produtos químicos (3,59% para 4,68%); Metalurgia (de 0,87% para 3,12%); produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos (4,56% para 5,27%); maquinas e equipamentos (6,69% para 7,87%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (6,16% para 7,12%); montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias (6,80% para 10,53%); e, móveis e indústrias diversas (de 3,63% para 11,21%). Entre estes, merecem destaque as atividades: Confeção de artigos do vestuário e acessórios, que triplicou o valor da produção durante a década; Metalurgia, quase inexpressiva em 2002, responde atualmente por 3,12% da produção nacional (ainda que uma pequena participação, sextuplicou o VTI entre 2002 e 2010); e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias, respondendo por mais de 10% da produção nacional em 2010.

Entre as atividades que perderam dinamismo estão, em especial: Fabricação de produtos de madeira; Fabricação de celulose, papel e produtos de papel; e, principalmente, Edição, impressão e reprodução de gravações (esta, embora tenha aumentado sua participação relativa no Brasil, dado uma queda mais acentuada na indústria nacional, denota uma forte tendência de redução de suas atividades na década, recuando 7% no valor da transformação entre 2002 e 2010).

TABELA 10 - Participação Relativa no Valor da Transformação Industrial do Paraná no Brasil, por atividade, a preços básicos 2002-2010 (em R\$ 1000)

	PARANÁ		% Crescimento	BRASIL		PARANA/BRASIL	
	2002	2010		2002	2010	2002	2010
Total	20924949	54841477	162%	334394817	822961978	6.26%	6.66%
Indústria de Transformação	20812482	54568399	162%	313265853	725934162	6.64%	7.52%
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	5396891	11950672	121%	53898659	140514194	10.01%	8.50%
Fabricação de produtos têxteis	399365	665739	67%	8314749	14519642	4.80%	4.59%
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	284085	1142718	302%	5045252	17187111	5.63%	6.65%
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	129813	348081	168%	7376558	13035417	1.76%	2.67%
Fabricação de produtos de madeira	1315208	1687161	28%	4879947	8121373	26.95%	20.77%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	1892615	2573857	36%	15049157	24133904	12.58%	10.66%
Edição, impressão e reprodução de gravações	394381	366121	-7%	11167681	7971271	3.53%	4.59%
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustível	2295080	9065194	295%	32171122	84377112	7.13%	10.74%
Fabricação de produtos químicos	1328919	2517700	89%	37010168	53799347	3.59%	4.68%
Fabricação de artigos de borracha e plástico	515887	1268092	146%	10601338	28354330	4.87%	4.47%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	887392	1812238	104%	13302221	28662335	6.67%	6.32%
Metalurgia	196704	1388566	606%	22573153	44549243	0.87%	3.12%
Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	527447	1705884	223%	11563188	32345322	4.56%	5.27%
Fabricação de máquinas e equipamentos	1304706	3122606	139%	19508508	39693112	6.69%	7.87%
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos*	-	167844	-	-	20013010	-	-
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	449352	1526769	240%	7289449	21453120	6.16%	7.12%
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	1555894	8751674	462%	22869029	83094776	6.80%	10.53%
Fabricação de móveis e indústrias diversas	651532	2014275	209%	6335378	17965729	3.63%	11.21%

FONTE: Pesquisa Industrial Anual - IBGE 2002/2010

Elaboração do Autor

*Sem dados para 2002

No âmbito estadual, vemos (TABELA 11) que algumas atividades, mesmo ganhando espaço na participação nacional, reduziram sua participação relativa no produto estadual.

Entre as principais atividades que perderam participação no VTI estão: Alimentos e bebidas; Produtos de madeira; Papel e celulose; Edição, impressão e reprodução de gravações; e, Produtos químicos. É possível concluir, *a priori*, que são produtos tradicionais que tiveram forte importância em fases anteriores do processo de desenvolvimento da economia paranaense

TABELA 11 - Participação Relativa, por atividade da Indústria de Transformação, no VTI do Paraná – 2002-2010

	Participação Relativa	
	2002	2010
Valor da Transformação industrial - TOTAL	100%	100%
Indústria de Transformação	99.46%	99.50%
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	25.79%	21.79%
Fabricação de produtos têxteis	1.91%	1.21%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1.36%	2.08%
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	0.62%	0.63%
Fabricação de produtos de madeira	6.29%	3.08%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	9.04%	4.69%
Edição, impressão e reprodução de gravações	1.88%	0.67%
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustível	10.97%	16.53%
Fabricação de produtos químicos	6.35%	4.59%
Fabricação de artigos de borracha e plástico	2.47%	2.31%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	4.24%	3.30%
Metalurgia	0.94%	2.53%
Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	2.52%	3.11%
Fabricação de máquinas e equipamentos	6.24%	5.69%
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos*	-	0.31%
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2.15%	2.78%
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	7.44%	15.96%
Fabricação de móveis e indústrias diversas	3.11%	3.67%
FONTE: Pesquisa Industrial Anual - IBGE 2002/2010		
Elaboração do Autor		
*Sem dados para 2002		

Entre as atividades que ampliaram sua importância no parque industrial do Paraná estão, principalmente: Fabricação de coque, produtos de petróleo e biocombustível; Metalurgia; Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias; Fabricação de produtos de metal; e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos. Um dos motivos para este aumento de participação é a forte cadeia produtiva existente entre estes segmentos e seu alto valor agregado. Além destas, confecção de artigos do vestuário e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos vem se destacando no panorama estadual.

Logo, fica evidente que a década de 2000-2010 foi importante para a consolidação da indústria automotiva e de vestuário. Entretanto, há um baixo dinamismo de algumas indústrias não caracterizadas pela alta adição de valor, como a têxtil e a madeireira, segundo IPARDES (2010 pg. 5), “em razão da pronunciada ampliação das aquisições externas, particularmente prejudicial às duas atividades, e da limitação imposta às vendas ao exterior, responsável pela retração do segmento de derivados de madeira, bastante sensível ao comportamento da taxa cambial”. Vale destacar que essa dinâmica faz parte de um processo de mudança na estrutura industrial do Paraná, com o aumento da participação de segmentos de maior conteúdo tecnológico. Além disso, e a pesar da recente queda da participação relativa, o segmento de Alimentos e Bebidas ainda cumpre um importante papel no estado

A indústria extrativa, *commodities* minerais e agrícolas, vêm registrando resultados superiores aos das demais indústrias, sendo o principal determinante das alterações recentes na estrutura da produção manufatureira nacional.

TABELA 12 - Participação Relativa, por atividade da Indústria Extrativa, no VTI do Paraná no Brasil – 2002-2010

	TOTAL		Participação Relativa	
	2002	2010	2002	2010
Valor da Transformação industrial - TOTAL BRASIL	334394817	822961978	100%	100%
Indústria Extrativa - PARANÁ	112467	273078	0.03%	0.03%
Extração de carvão mineral	x	x	x	x
Extração de petróleo e serviços correlatos	x	x	x	x
Extração de minerais metálicos	1632	x	0.00%	x
Extração de minerais não-metálicos	101011	257900	0.03%	0.03%
FONTE: Pesquisa Industrial Anual - IBGE 2002/2010				
Elaboração do Autor				

Neste contexto, a indústria extrativista paranaense tem um papel inexpressivo no Brasil. Respondendo por apenas 0,3% (TABELA 12) no segmento Extração de minerais não-metálicos. Participação esta que se mantém inalterada.

Além de pouco significativa no contexto nacional, a atividade extrativa ainda perdeu participação na década 2000-2010 (TABELA 13). Na contra mão do cenário nacional.

TABELA 13 - Participação Relativa, por atividade da Indústria Extrativa, no VTI do Paraná – 2002-2010

	TOTAL		Participação Relativa	
	2002	2010	2002	2010
Valor da Transformação industrial - TOTAL	20924949	54841477	100%	100%
Industria Extrativa	112467	273078	0.54%	0.50%
Extração de carvão mineral	x	x	x	x
Extração de petróleo e serviços correlatos	x	x	x	x
Extração de minerais metálicos	1632	x	0.01%	x
Extração de minerais não-metálicos	101011	257900	0.48%	0.47%

FONTE: Pesquisa Industrial Anual - IBGE 2002/2010

Elaboração do Autor

*Sem dados para 2002

Com estes dados é possível concluir que, embora o Brasil tenha, relativamente, avançado na desaglomeração de suas atividades industriais, isso se deu especialmente pela característica do desenvolvimento industrial recente, baseado principalmente na produção de bens básicos para consumo e exportação. Neste contexto, a reestruturação produtiva recente, pela qual tem passado o Paraná, faz com que haja uma transferência de recursos das atividades tradicionais para as modernas. Desta feita, corroborando, para os anos em estudo, com a tese de DINIZ (1995) de que, embora tenha havido uma relativa desconcentração no Brasil, esta se deu quase exclusivamente para produção de bens básicos. No entanto, para bens que demandam elevado fator tecnologia, fica clara a tendência de “concentração poligonal”, conceito no qual o Paraná continua inserido.

4 AS “ILHAS DE PRODUTIVIDADE” E A INDÚSTRIA PARANAENSE

Como visto na seção anterior, houve uma estagnação da participação relativa das regiões brasileiras na década de 2000, especialmente na indústria de transformação, o que confirma o fato de que, a partir os dados da produção, as regiões dinâmicas da década anterior se mantem praticamente inalteradas. No entanto, para a indústria extrativa, há uma continuidade do espraiamento das atividades para regiões antigamente periféricas, dada à atual conjuntura nacional. Constatação esta que reflete no valor da transformação industrial, embora de magnitude diminuta (“um ponto percentual para o Centro-Oeste e dois para o Norte”), é significativa no contexto de “ilhas de produtividade”.

Desta forma, esta seção procurará definir, a partir da tese de “ilhas de produtividade”, a conjuntura intra estadual dos anos de 2000 a 2010. Caracterizando, assim, a existência de “ilhas de produtividade” no estado. Segundo MACEDO; VIEIRA; e MEINERS (IPARDES 2002, pg. 19), o processo de reestruturação produtiva, no Paraná, “vem sendo espacialmente muito seletivo, definindo ‘ilhas de produtividade’ em localidades pontuais no interior”. Logo, cabe aqui definir quais são e onde se localização estes polos na década de 2000.

4.1 O PARANÁ E A PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Como visto anteriormente, o estado tem demonstrado um contínuo crescimento da sua participação na produção industrial do país, acentuando sua inserção na rede de núcleos dinâmicos da economia. Entretanto, diferentes regiões se colocam de maneiras distintas neste contexto.

No ano de 2010 apenas a região Metropolitana de Curitiba respondeu por mais de 48% do valor adicionado bruto da indústria no estado. Outras regiões como Norte Central

e Oeste também registram elevada participação (14,04% e 15,08%, respectivamente). Logo, essas três regiões somadas tem 77% da participação na indústria paranaense, como se nota na TABELA 14.

A partir do FIGURA 1¹⁵, FIGURA 2¹⁶ e FIGURA 3¹⁷, para os anos de 2000, 2005 e 2010, respectivamente. Podemos notar que pouca coisa se alterou no decorrer da década, com as regiões que englobam as cidades de Curitiba, Londrina/Maringá e Foz do Iguaçu mantendo-se como os polos dinâmicos do estado.

Entretanto, estas regiões diferem no tipo de bens produzidos. A Região Metropolitana de Curitiba se destaca na produção dos cinco agrupamentos que compõem, praticamente, 92% do valor adicionado da indústria de transformação do Paraná (Metal-Mecânica, Química, Madeira, Alimentos e Bebidas e Vestuário, Têxtil e Couros) e dos três que compõe mais de 50% do valor da transformação industrial (Fabricação de produtos alimentícios e bebidas, Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustível e Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias).

A região Norte Central, encabeçada pelos polos Londrina e Maringá, se destaca nos ramos: Vestuário, Têxtil e Couros; Alimentos e Bebidas; Metal-Mecânica; e Química. Dada a sua forte base agrícola, tais ramos estão fundamentados na chamada agroindústria. Logo, tal constatação caracteriza a região como uma “ilha de produtividade”, pois estes segmentos são característicos de indústrias de baixo/médio nível tecnológico. Entretanto, deve-se perceber que há uma verticalização produtiva, adicionando todos os itens da cadeia produtiva, tanto na montante (Metal-Mecânica e Química, para a produção de máquinas agrícolas e fertilizantes, respectivamente) como na jusante (Vestuário, Têxtil e Couros; Alimentos e Bebidas).

¹⁵ FONTE: IPARDES Sistema de Informações dos Municípios Paranaenses, 1999-2010 Curitiba Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/imp/gera_mapa_opcoes.php?variavel=640 Acesso em: 04/03/2013

¹⁶ *Idem*

¹⁷ *Idem*

TABELA 14 - Valor Adicionado por Região do Paraná em 2010

– A Preços Básicos (em R\$ 1000)

REGIÃO	VAB INDÚSTRIA - 2010	PARTICIPAÇÃO %
TOTAL - PARANÁ	51410755	100.00%
RM DE CURITIBA	24712502	48.07%
CENTRO-OCIDENTAL	846741	1.65%
CENTRO-ORIENTAL	3472043	6.75%
CENTRO-SUL	1381986	2.69%
NOROESTE	1935084	3.76%
NORTE CENTRAL	7218273	14.04%
NORTE PIONEIRO	1108982	2.16%
OESTE	7754559	15.08%
SUDESTE	709464	1.38%
SUDOESTE	2271121	4.42%

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO - IPARDES
Elaboração do autor

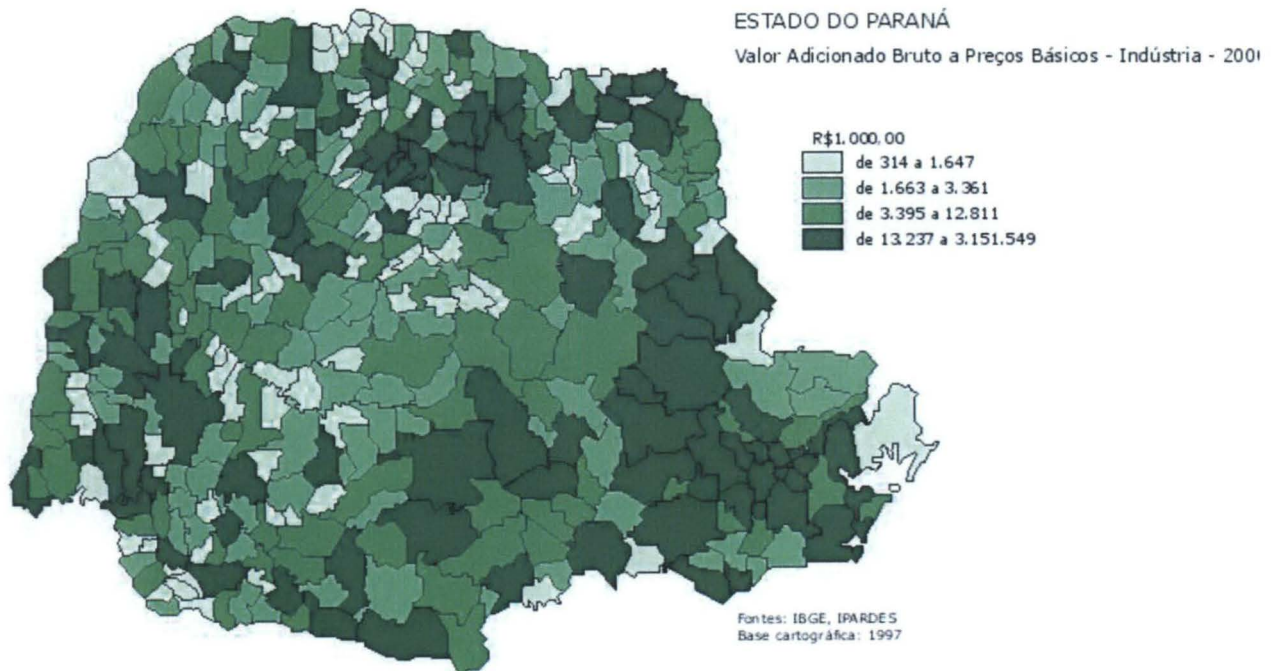
FIGURA 1 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ - 2000

FIGURA 2 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ - 2005

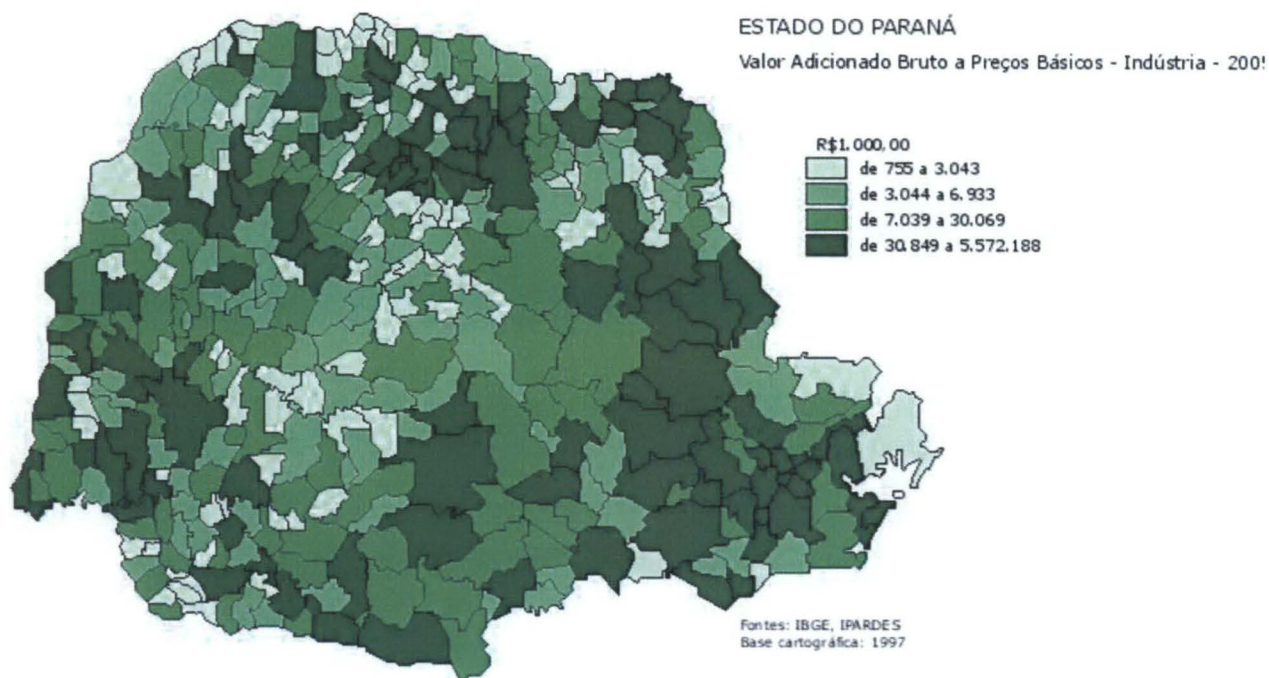
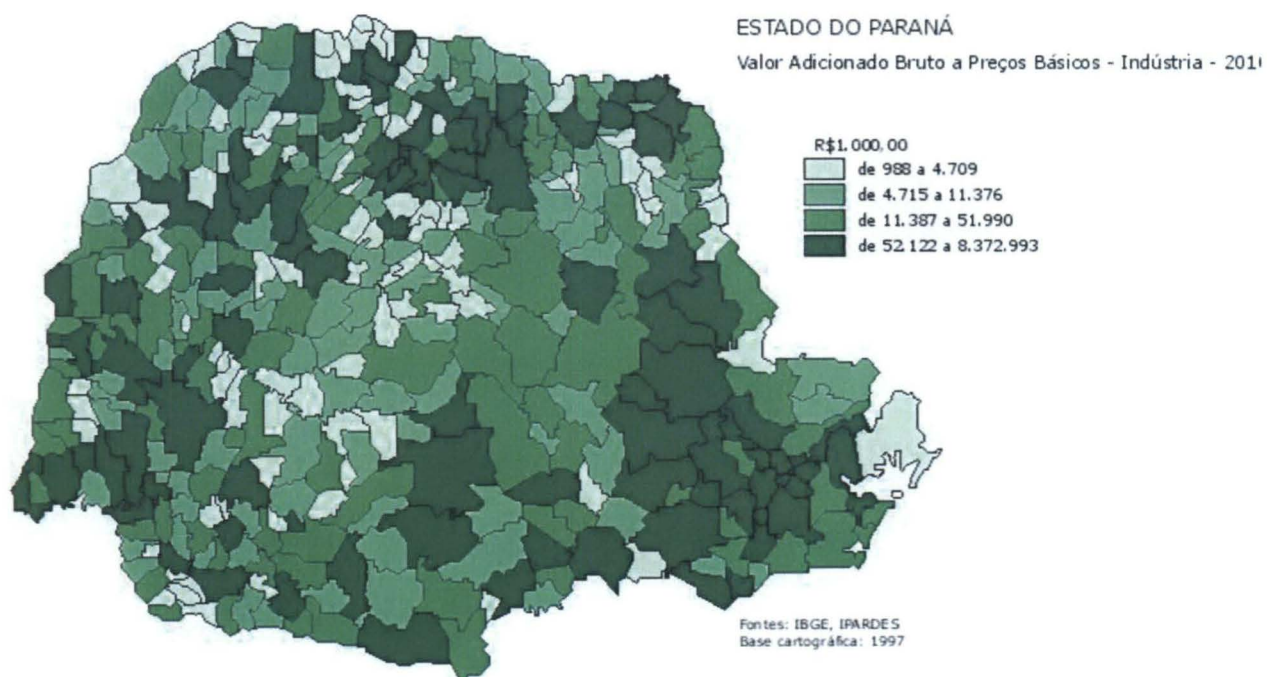


FIGURA 3 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO NO PARANÁ - 2010



A região Oeste, que tem como polo Foz do Iguaçu, é caracterizada por ter, como principal atividade, os Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUP, no segmento produção e distribuição de energia elétrica. Além de Alimentos e Bebidas, que responde por 15,7% do valor adicionado bruto do Paraná nesta atividade.

Assim, a atual configuração da indústria do Paraná responde por sua expansão nos anos setenta, dada pelo forte crescimento da sua base agroindustrial, logo, intenso crescimento agrícola, e pela implantação de ramos modernos, produtores de bens de capital e insumos intermediários.

4.2 O PARANÁ E O EMPREGO INDUSTRIAL

Apesar dos dados recentes, referentes a produção, corroborarem com a tese de “ilhas de produtividade”, é necessário definir como foi a evolução do emprego formal para diferentes regiões e segmentos.

Com os dados da TABELA 15 pode se concluir que, entre os anos de 1998 e 2008, a mesma tendência de reestruturação produtiva, evidenciada nos dados do valor adicionado e de transformação, aparece para a evolução do emprego para as atividades: material de transporte, têxtil do vestuário e artefatos, metalúrgica e mecânica. Entretanto, a pesar de terem perdido participação relativa na produção, as atividades industriais de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico e química de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria, mostraram se dinâmicos na geração de empregos durante a década.

Apesar desta constatação parecer controversa, o que se verifica é que setores que estão ligados a produção de bens de consumo básico e intermediários, embora tenham perdido participação relativa no valor de transformação industrial no estado, continuaram a aumentar sua produção, desta forma, aumentando também a quantidade

de empregos. Isto ocorre, devido ao fato das atividades como fabricação e montagem de veículos e produtos de petróleo e combustíveis, alcançarem, durante a década, maiores taxas de crescimento do que produtos alimentícios e bebidas, artigos do vestuário, etc.

Desta forma, tanto regiões caracterizadas pela produção de bens que aumentaram sua participação relativa no VTI (Curitiba e Região Metropolitana), como também aqueles que perderam (Londrina/Maringá), podem ter aumentado sua dimensão no pessoal ocupado. Entretanto, a partir dos dados da TABELA 16, podemos verificar, a partir das mesorregiões do estado, qual foi a tendência do efeito realocação para os diversos setores industriais.

TABELA 15 - Evolução do Emprego Formal nos Sub-Setores da Indústria, Paraná, de 1998 até 2008

Sub-setores	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Var. %
1- Extrativa Mineral	3870	3675	4302	4659	4286	4284	4682	4411	5137	5328	5617	45,1
2- Produtos Minerais Não Metálicos	18061	17654	18080	18320	18798	19267	20027	20189	20569	22650	24400	35,1
3- Metalúrgica	19850	20924	22252	23495	25266	27644	30775	31294	34847	38878	41724	110,2
4- Mecânica	17513	17377	19675	20787	23325	22990	25052	25887	29347	33573	37896	116,3
5- Material Elétrico e de Comunicações	10654	10058	11530	10797	11313	10824	12967	14621	15022	17372	20382	91,3
6- Material de Transporte	14725	18006	21265	21215	21579	23284	29053	30858	31261	35842	37171	152,4
7- Madeira e Mobiliário	59416	66299	68844	69109	73613	77327	82008	76896	74707	78140	75564	27,2
8- Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	12955	24509	26267	26884	28048	28966	31531	32418	34188	34445	36357	58,4
9- Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares e Diversas	11559	10324	11107	12326	12137	12812	14267	13001	16965	17627	17245	49,2
10- Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários e Perfumaria	22673	24793	27463	28720	31766	33359	37429	38736	43022	45490	48036	110,0
11- Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	37077	41626	47479	50948	56981	59106	67426	68909	72519	80681	85059	129,4
12- Calçados	1337	1261	1485	1429	1387	1399	1614	1612	1804	2008	2648	98,1
13- Produtos Alimentícios, Bebidas e Alcool Etilico	81115	77551	78934	88426	104733	114238	131282	141097	158879	179112	182320	124,8
14- Serviços Industriais de Utilidade Pública	16278	16645	16505	16444	17147	17959	19075	20618	23554	23262	24095	48,0
TOTAL	337293	350402	374688	394059	430349	453861	507189	521547	561821	614408	638514	89,3

FONTE: FERNANDES, CUNHA 2010, pg. 27

Elaboração com base em dados da RAIS

Logo, como pode se notar, no decênio 1998-2008, os dados que mais chamam a atenção são: o excelente desempenho em geração de postos de trabalho nas regiões Oeste e Noroeste, no período, de Produtos Alimentícios, Bebidas e Alcool Etilico e o Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos. No entanto, essas mesmas atividades

contribuíram para grandes perdas de emprego na região Norte-Central, enquanto que na Centro-Oriental foram os setores de Papel, Papelão, Editorial e Gráfica e, novamente, o de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etilico. Para o período inicial, 2003 em relação a 1998, os setores que se destacam em ganhos ou perdas de postos de trabalho, entre as diferentes regiões, além daqueles que já foram destaques nos dois períodos anteriormente citados, foram o de Madeira e Mobiliário.

Além disso, é importante se salientar que Curitiba e região cria, em todo o decênio, um volume considerável para os setores de material de transporte. No entanto, a dinâmica mais expressiva deste setor se dá no quinquênio 1998-2003.

Deste modo, as possibilidades e oportunidades industriais das décadas de 1960 e 1970, que apontavam a agroindústria da Região Oeste como estratégia de desenvolvimento industrial foram reafirmadas na década de 1990. Tanto que, por um lado, entre 1985 e 2005 a participação da região no número de empregos industriais formais do Estado se elevou de 5,88 para 10,23%. Por outro lado, as vendas ao mercado externo entre 2000 e 2005 cresceram a uma taxa anual de 23,92%, expressando o aumento da demanda mundial e a capacidade das indústrias dessa região em atendê-la. Percebe-se assim, a presença de uma indústria mais especializada, de caráter tradicional e menos intensiva em capital que outras atividades industriais (IPARDES, 2008).

E, além disso, que intensidade do fator trabalho é uma das principais características do crescimento industrial paranaense nos anos 2000, comparativamente ao padrão brasileiro. Nos segmentos líderes em geração de ocupações, é marcante a desconcentração espacial dos novos postos de trabalho, privilegiando não somente as áreas de maior adensamento industrial, como também os territórios não polarizados por aglomerados metropolitanos, como as regiões Oeste e Noroeste (SUZUKI JR, 2010).

TABELA 16 - Efeito Realocação por Sub-Setores nas Mesorregiões do Estado do Paraná – 1998-2008

Sub-Setores	Mesorregiões									Metropolitana Curitiba
	Noroeste	Centro Occidental	Norte Central	Norte Pioneiro	Centro Oriental	Oeste	Sudoeste	Centro- Sul	Sudeste	
2003-1998										
1	-18,3	-99,2	-116,2	0,6	19,6	-74,0	19,5	-0,3	78,7	189,6
2	187,6	-48,2	-235,2	228,2	83,5	-159,4	23,2	134,9	-40,1	-174,6
3	263,0	140,4	289,3	148,3	-815,4	265,3	138,2	28,1	29,8	-486,9
4	155,0	193,6	-328,1	114,6	-571,8	349,8	745,4	-74,1	-16,3	-568,2
5	30,7	18,7	-191,0	51,8	-56,7	89,3	140,8	-11,3	355,7	-427,9
6	54,6	-80,3	-753,2	24,7	-157,6	-29,3	6,4	7,0	-29,6	957,3
7	-200,3	-281,2	-542,8	1003,6	4478,0	-614,8	-596,2	-123,6	-238,2	-2884,5
8	53,1	191,7	45,4	-60,8	-1123,2	51,8	113,6	1259,0	65,4	-596,0
9	61,0	10,2	308,3	37,1	98,8	220,8	2,8	1,0	-81,0	-658,9
10	17,2	85,4	20,6	-154,6	-146,7	695,6	-70,3	-147,2	-42,0	-258,1
11	1398,6	-679,9	-471,3	-311,7	-825,5	2324,9	282,3	373,3	-27,8	-2062,8
12	-7,2	-70,3	88,8	-4,4	-9,6	40,0	-2,0	3,8	7,6	-46,8
13	2080,9	382,1	-5077,5	2892,9	-3615,3	7266,5	496,7	-308,6	-274,9	-3842,8
14	-4,0	-14,9	-59,9	-37,3	51,8	298,8	-64,1	-218,7	6,5	41,9
2008-2003										
1	-40,0	-25,5	-116,6	1,9	-106,0	36,4	-43,1	-22,2	317,5	-2,5
2	35,9	113,4	692,9	-161,3	-93,2	251,4	242,0	27,8	-139,7	-969,3
3	-81,7	-112,4	-309,8	481,7	-101,3	-46,5	-14,4	-122,9	-85,2	392,7
4	193,7	3,0	-149,7	198,7	59,1	-298,8	-1202,6	250,9	-25,0	970,8
5	32,1	112,1	689,1	980,8	-8,9	30,3	462,7	-7,3	-383,3	-1907,5
6	-81,6	-56,0	-80,1	-1,6	39,0	608,7	-47,7	-23,6	-32,8	-324,2
7	-81,5	533,9	4797,6	-290,6	-645,5	267,9	401,6	-3793,2	-1709,9	519,7
8	30,4	-36,6	394,4	126,3	-1222,5	164,8	116,2	-1197,8	-292,9	1917,7
9	52,5	48,0	-414,1	-42,6	233,0	450,7	47,3	-130,5	-29,4	-215,0
10	-331,8	-66,0	87,2	316,4	273,3	1431,8	119,0	-245,4	-619,5	-964,9
11	2857,7	309,8	-1865,5	-558,7	-729,5	300,9	184,4	118,9	360,7	-978,7
12	-101,9	-87,3	-417,4	-33,1	41,3	214,7	-14,9	52,9	517,7	-172,0
13	4637,1	53,5	430,2	-4831,0	-2609,4	2992,8	2068,0	-471,1	-123,3	-2146,9
14	-27,2	-71,6	147,0	-37,1	-102,9	-799,1	93,4	-12,8	112,9	697,2
2008-1998										
1	-64,0	-155,5	-268,9	2,6	-80,3	-60,6	-17,5	-22,6	420,7	246,1
2	274,8	52,1	393,4	129,2	13,0	48,6	271,6	199,5	-190,7	-1191,6
3	315,3	99,5	126,7	705,4	-1332,1	353,9	194,2	-80,6	-40,3	-342,2
4	449,2	322,1	-690,6	387,6	-883,4	277,8	26,1	128,8	-51,8	34,2
5	89,8	147,4	329,5	1078,3	-115,7	198,4	727,8	-28,5	286,4	-2713,3
6	5,9	-184,7	-1287,8	37,9	-213,7	561,8	-37,5	-12,3	-80,2	1210,6
7	-277,2	259,1	4267,2	690,1	3730,4	-332,8	-181,1	-3914,0	-1942,6	-2299,1
8	97,1	204,0	451,4	50,1	-2632,3	229,8	258,8	382,4	-210,9	1169,6
9	134,6	61,6	0,8	7,3	366,0	747,9	51,1	-129,1	-138,4	-1101,8
10	-307,6	54,9	116,4	97,7	65,8	2415,8	19,5	-453,6	-679,0	-1330,0
11	4870,3	-668,6	-2543,7	-1007,3	-1917,5	3646,6	590,6	656,1	320,7	-3947,1
12	-115,6	-220,4	-249,3	-41,4	23,2	290,4	-18,6	60,1	532,0	-260,5
13	7958,1	663,3	-7673,4	-214,0	-8379,2	14589,8	2860,8	-963,6	-562,0	-8279,8
14	-32,6	-91,5	66,6	-87,1	-33,3	-398,2	7,4	-306,2	121,6	753,3

FONTE: FERNANDES; CUNHA 2010 pg. 27

Elaboração com base em dados da RAIS

Sub -setores da indústria: 1-Extrativa Mineral, 2-Produtos Minerais Não Metálicos, 3-Metalúrgica, 4-Mecânica, 5-Material Elétrico e de Comunicações, 6-Material de Transporte, 7-Madeira e Mobiliário, 8-Papel, Papelão, Editorial e Gráfica, 9-Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares e Diversas, 10-Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários e Perfumaria, 11-Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos, 12-Calçados, 13-Produtos Alimentícios, Bebidas e Alcool Etilico, 14- Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Assim, com base nessas informações, há a evidência de uma desconcentração do emprego industrial em favor de “ilhas de produtividade”, entre 2000 e 2010. Dado o melhor desempenho do mercado de trabalho da indústria paranaense nas regiões Não-Metropolitanas de Londrina/Maringá, Foz do Iguaçu, e, especialmente, para os polos de confecções do Noroeste. Neste ponto torna-se necessário analisar se há uma tendência de consolidação destas “ilhas”.

4.3 O PARANÁ E A PERSPECTIVA DO INVESTIMENTO INDUSTRIAL

Nesta seção, serão apresentadas as tendências de novos investimentos e de manutenção dos antigos, para os segmentos e regiões paranaenses. Para, assim como feito por PACHECO (1999), evidenciar que algumas regiões devem se especializar na produção de determinados bens. Para tanto, serão utilizados dados da Rede Nacional de Informações sobre o Investimento – RENAI, um instrumento do Governo Federal que busca disseminar informações sobre investimentos produtivos no Brasil. A base da Rede são as parcerias estabelecidas entre o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) e as Secretarias de Estado de Indústria e Comércio.

A TABELA 17 traz informações sobre novos investimentos no Paraná, anunciados porém não necessariamente concretizados, no ano de 2010. A última coluna traz a informação do município onde tal investimento será feito.

Assim, podemos notar uma concentração dos investimentos de determinados segmentos, em áreas onde estes últimos já se encontram dinâmicos. Um exemplo disso é Curitiba e Região Metropolitana, que concentra todos dos investimentos em fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias; fabricação de artigos de borracha e plástico; fabricação de celulose, papel e produtos de papel; fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática; fabricação de produtos químicos; e fabricação de máquinas e equipamentos. Bem como a maioria deles em

fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool; e fabricação de produtos de minerais não-metálicos.

Entretanto, como visto na análise de produção e emprego, algumas atividades se consolidaram em determinadas regiões. Assim, a tendência de novos investimentos corroboram com esta constatação para fabricação de produtos alimentícios e bebidas no Norte do estado. Isto pois, quase a totalidade de investimentos anunciados para este segmento estão nesta região.

Muito embora não se tenha dados para fabricação de máquinas e equipamentos e fabricação de produtos químicos para o Norte do estado e sim para a metropolitana de Curitiba, e que isto possa evidenciar alguma possível reconcentração de tais atividades para esta última região, não significa, *a priori*, que a primeira perderá importância. Entretanto, isso pode caracterizar, para esses segmentos, o mesmo fato constatado por PACHECO (1999), a saber, que, para produtos de maior intensidade tecnológica e valor adicionado, dada a característica de serem, na maioria das vezes, de investimento privado e feito por multinacionais (onde sua preocupação pela racionalização de lucros é maior que a social), estes tendem a levar em conta sua localização com base na absorção de ganhos de externalidades positivas, geradas por economias de aglomeração. Logo, este fato pode caracterizar uma tendência de reaglomeração, também, à linha de DINIZ (1995).

Desta forma, podemos concluir que, embora, durante os anos de 2000 e 2010, tenha se dado uma consolidação de “ilhas de produtividade”, isto não se deu para todos os setores e regiões. Para os segmentos que demandam maior presença de profissionais especializados (segmentos mais tecnológicos), logo, há uma tendência de reconcentração. No entanto, para regiões caracterizadas pelo fabrico de bens de consumo e intermediários (Norte central e Oeste), há uma tendência à consolidação destes ramos. Além disso, para o Noroeste nota-se, apesar da falta de dados sobre o investimento, que, amparado nos dados do emprego, ainda que de maneira incipiente, há uma tendência a se dinamizar nas atividades de produção de alimentos, bebidas e álcool etílico; e têxtil do vestuário e artefatos de tecidos.

TABELA 17 - Intenções de Investimento Industrial no Estado do Paraná – 2010 – Por Atividade – (Em U\$) – (Continua)

EMPRESA	PAÍS DE ORIGEM	DESCRIÇÃO DO INVESTIMENTO	TIPO	VALOR	ANO FINAL	MUNICÍPIO - UF
POTENCIAL PETRÓLEO	Brasil	Atividade: fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool Investimento na construção de uma fábrica para produção de biodiesel e de uma instalação de óleo de soja, que terão capacidade para produzir 170 milhões de litros por ano de combustível, a partir de 700 mil toneladas de soja.	Implantação	\$62,111,801.00	2012	LAPA - PR
USINA DE AÇÚCAR SANTA TEREZINHA	Brasil	Investimento na expansão de sua área agrícola; no avanço da mecanização da colheita; e no ajuste de processos industriais.	Expansão	\$225,146,199.00	2013	Sem Informação - PR
SHREE RENUKA	Índia	Investimento para aumento da produção de açúcar e álcool anidro e de cogeração de energia das usinas do grupo Vale do Ivaí.	Expansão	\$140,350,877.00		NI SÃO PEDRO DO IVAÍ - PR
CATERPILLAR	Estados Unidos	Divisão: fabricação de máquinas e equipamentos Investimento na instalação de sua segunda unidade produtiva no País, em Campo Largo (PR), para produção de retroescavadeiras e carregadeiras de rodas de pequeno porte.	Expansão	\$90,000,000.00		NI CAMPO LARGO - PR
HÄFELE	Alemanha	Atividade: fabricação de móveis e indústrias diversas Investimento na construção de uma fábrica para produção de ferragens para móveis.	Implantação	\$25,000,000.00	2011	PIRAQUARA - PR
COOPERATIVA COCARI	Brasil	Atividade: fabricação de produtos alimentícios e bebidas Investimento na construção de um abatedouro e de uma fábrica de ração.	Implantação	\$68,047,337.00		NI MANDAGUARI - PR
SPAIPA (COCA-COLA)	Brasil/Estados Unidos	Investimento na expansão da unidade de Maringá (PR), que ganhará uma nova linha de envase de refrigerantes, passando a ter uma capacidade de 784 milhões de litros/ano; em compras de geladeiras para pontos de venda (15 mil unidades) e em renovação da frota.	Modernização e Expansão	\$90,062,112.00	2011	MARINGÁ - PR
NUTRHOUSE SELMI	Brasil Brasil	Investimento na construção de fábrica Investimento na construção de uma fábrica (para produção de massas), de um moinho de trigo, um centro de distribuição e ampliação de uma unidade de produção de biscoitos.	Implantação Expansão e Implantação	\$1,833,333.00 \$22,222,222.00	2010 2013	BALSA NOVA - PR ROLÂNDIA - PR
CIMPOR	Portugal	Atividade: fabricação de produtos de minerais não-metálicos Investimento na exploração da mina Cerrado Grande e na construção de fábrica integrada de produção de clínquer e cimento.	Implantação	\$267,957,000.00	2014	PONTA GROSSA - PR
QUARTZOLIT (GRUPO SAINT GOBAIN)	França	Investimento na implantação de uma fábrica em Ibiporã (PR), com capacidade para produzir 100 mil ton/ano de argamassa branca,	Implantação	\$11,904,762.00	2011	IBIPORÃ - PR
SUPREMO	Brasil	Investimento para construção de uma unidade de produção de cimento, com capacidade de 750 mil ton/ano.	Implantação	\$120,000,000.00	2012	ADRIANÓPOLIS - PR
COOPERATIVA NACIONAL AGRÍCOLA	Brasil	Atividade: fabricação de produtos químicos Investimento para construção de uma fábrica de ureia, com capacidade para fabricar 300 mil ton/ano.	Implantação	\$300,000,000.00		NI PONTA GROSSA - PR
SUMITOMO RUBBER INDUSTRIES	Japão	Atividade: fabricação de artigos de borracha e plástico Investimento na construção de fábrica para produção de pneus automotivos, com capacidade de produzir 15 mil pneus/dia até 2016.	Implantação	\$316,455,696.00	2013	FAZENDA RIO GRANDE - PR

INTENÇÕES DE INVESTIMENTO INDUSTRIAL NO ESTADO DO PARANÁ - 2010 - POR ATIVIDADE - (EM US\$) - (CONTINUA)						
EMPRESA	PAÍS DE ORIGEM	DESCRIÇÃO DO INVESTIMENTO	TIPO	VALOR	ANO FINAL	MUNICÍPIO - UF
BO PACKAGING	Chile	Investimento em fábrica de produção de embalagens recicláveis (ex., copos para cafés e refrigerantes).	Implantação	\$70,000,000.00		NI PONTA GROSSA - PR
MEGAWARE	Brasil	Investimento na instalação de sua planta industrial.	Implantação	\$903,614.00		NI CURITIBA - PR
ARAUCO DO BRASIL (CELULOSA ARAUCO Y CONSTITUCIÓN)	Chile	Investimento na ampliação da fábrica de produção de painéis de fibra de madeira de média densidade (MDF), que tem capacidade de produção anual de 300 mil m ³ do produto.	Expansão	\$166,666,667.00		NI JAGUARIÁIVA - PR
BROSE	Alemanha	Investimento para desenvolver projetos e transferir as linhas de produção situadas em Salto (SP).	Expansão	\$20,958,084.00		2011 CURITIBA - PR
PEGUFORM	Alemanha	Investimento na expansão da linha de pintura automática de parachoques em 50%, passando a 4,8 mil unidades por dia.	Expansão	\$8,433,735.00		2013 SÃO JOSÉ DOS PINHAIS - PR
VOLVO	Suécia	Investimento na expansão da área de pintura de cabines e na produção de chassis de ônibus híbridos, movidos a eletricidade e diesel.	Expansão	\$59,627,329.00		NI CURITIBA - PR

FONTE: Rede Nacional de Informações sobre o Investimento – RENAI, 2010
Elaboração do Autor

5 CONCLUSÃO

Este trabalho, a partir da análise das variáveis produção, emprego e renda, bem como de sua localização espacial, procura compreender o desenvolvimento das atividades industriais nas diferentes regiões do estado do Paraná na década de 2000. Bem como suas particularidades. Para tanto, não se pôde negligenciar o fato de que o Estado está inserido nas determinantes da economia nacional e, ambas, na economia mundial.

Sendo assim, o país passou por fases de turbulência internacional durante a década. Os anos de 1999, 2001 e 2008-2009, foram marcados por crises externas que afetaram a produção e a inserção nacional na economia mundial. Além disso, a ascensão da produtividade de bens manufaturados em países emergentes, fez com que no Brasil se observasse uma realocação produtiva. O país que, desde a década de 70, tinha se consolidado na exportação de produtos manufaturados, passa a ter maiores ganhos nos segmentos de produtos básicos durante a década de 2000. Em 2010, as exportações de bens básicos ultrapassa a de bens manufaturados. O efeito disso é que regiões especializadas nestes segmentos, ganham participação no valor agregado nacional. Porém, apesar de tal fato, segmentos manufatureiros não demonstraram a mesma tendência, e continuam concentrados nas regiões que se encontram no “polígono” que vai da “região central de Minas Gerais ao nordeste do Rio Grande do Sul, incluído o interior de São Paulo”, segundo DINIZ (1995).

Desta maneira, durante toda a década, o Paraná perde participação no valor adicionado na produção industrial nacional. Porém, como visto, isso se dá mais pela sua baixa dotação no segmento extrativista, do que por uma queda geral nas suas atividades industriais. Logo, o valor da transformação industrial (VTI) ganha participação no total nacional. Evidenciando, desta feita, a crescente importância do estado no segmento manufatureiro do país.

No âmbito estadual, nota-se uma crescente importância da participação de outras áreas, que não Curitiba e Região Metropolitana, na produção manufatureira do estado. Embora em segmentos de baixo valor agregado, verifica-se uma incipiente participação da região Noroeste e uma consolidação das regiões Norte Central e Oeste. Caracterizando, desta feita, “ilhas de produtividade” no interior.

Entretanto, não se pode deixar de observar tendências não muito animadoras, que podem ser enumeradas da seguinte maneira: i) Os segmentos Metal-Mecânica e Química, que demonstravam, durante a década de 1990, forte dinamismo na região Norte-Central, tem, com base nos dados de investimentos anunciados, denotado uma tendência a se reconcentrar na, já condensada, Região Metropolitana de Curitiba; e ii) Muito embora a emergência e consolidação de algumas “ilhas de produtividade” no interior do estado seja algo positivo na importante tarefa social de desconcentrar atividades econômicas, há de se notar que regiões ainda são caracterizadas por serem “vazios econômicos”. A mesorregião central do estado, bem como a parte norte de Curitiba e Região Metropolitana, são, a muito tempo, socialmente críticas e demandam uma mais robusta atuação do estado, não apenas em políticas públicas compensatórias de renda, mas, especialmente, na sua inserção produtiva.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BCB. Sistema Gerenciador de Séries Temporais. Brasília: BCB, 2010

BARQUERO, Antonio Vásquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2002

DELGADO, P. R.; BESEN G. M. V. Nota Técnica: Índice IPARDES de Desempenho Municipal - Evolução do componente renda e emprego. Curitiba, IPARDES, 2008

DINIZ, C. Campolina. A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas. Brasília: IPEA, 1995. (Texto para discussão, 375)

FERNANDES C. B. S; CUNHA M. S. A Economia em Revista: Análise estrutural-diferencial do emprego formal: o setor industrial paranaense. Maringá, UEM, 2010

GALVÃO, Antônio Carlos; VASCONCELOS, Ronaldo R. Política regional à escala sub-regional: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, 665).

GUIMARÃES NETO, Leonardo. Desigualdades e políticas regionais no Brasil: caminhos e descaminhos. Planejamento e Políticas Públicas. Brasília, IPEA, n.15, jun. 1997.

IBGE. Contas Nacionais. Rio de Janeiro, 2002

IBGE. Contas Nacionais. Rio de Janeiro 2010

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2000 – 2002

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2003

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2004

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2005

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2006

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2007

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2008

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2009

IBGE. Pesquisa industrial anual. Rio de Janeiro, 2010

IBGE. Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF). Rio de Janeiro 2010

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL –
IPARDES. Anuário Estatístico, 2010

IPARDES. Dinâmica recente da indústria paranaense: estrutura e emprego. Curitiba,
IPARDES, 2007

IPARDES. Dinâmica urbana dos Estados: Estado do Paraná. Curitiba, IPARDES, 2010.
49 p.

IPARDES. Sistema de Informações dos Municípios Paranaenses, 1999-2010. Curitiba,
IPARDES, 2010

Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/imp/gera_mapa_opcoes.php?variavel=640
Acesso em: 04/03/2013

MARIANO, M. M.; VIEIRA V. F.; MEINERS, W. E. M. A. Revista Paranaense de Desenvolvimento: Fases de Desenvolvimento Regional no Brasil e no Paraná: da emergência de um novo modelo de desenvolvimento na economia paranaense. Curitiba, IPARDES n. 103, p.5-22, jul./dez. 2002

MIGLIORIONI, S. M. S. Revista Eletrônica Geografar: Indústria paranaense: formação, transformação econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI. Curitiba, v.1, n.1, p. 62-80, jul./dez. 2006

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. Conjuntura Nacional. Brasília, 2011

NEGRI, B; PACHECO, C. A. Mudanças tecnológicas e desenvolvimento regional nos anos 90. Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1992. Mimeo.

PACHECO, C.A. A Questão Regional Brasileira Pós 1980: Desconcentração Econômica e Fragmentação da Economia Nacional Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1996

PACHECO, C. A. Novos padrões de localização industrial?: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, 633).

REDE NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE O INVESTIMENTO – RENAI. Anúncios de Projetos de Investimentos – Janeiro a Dezembro de 2010. Brasília: MDIC, 2010

SCOTT, A.J. e STORPER, M. (eds.) Production, work, territory. The Geographical anatomy of industrial capitalism. — Boston: Allen & Unwin, 1986.